

protagonistas

da imprensa brasileira



A opinião de quem decide

Fernando Morais

Um olho no Jornalismo e o outro na Literatura.

E os dois na grande reportagem

Há tempos queríamos o escritor de *A Ilha*, *Olga* e *Chatô* em nossa série **Protagonistas da Imprensa Brasileira**. Mais exatamente desde janeiro de 2007, quando fizemos o primeiro contato com **Fernando Morais**, com essa finalidade. E o queríamos simplesmente por ser ele um dos maiores e mais completos repórteres brasileiros – hoje não mais da imprensa, mas da literatura. Mas, como ele próprio diz, qualquer um de seus livros poderia tranquilamente ser publicado como série em qualquer jornal ou revista brasileira, porque são grandes reportagens. Daquelas que já não mais se fazem.

Entre flertes, encontros e desencontros, desembarcamos em seu novo escritório, em Higienópolis, numa agradável tarde de agosto, para uma conversa que, esperávamos, duraria no máximo duas horas. Foram mais de cinco, praticamente ininterruptas. E, no que dependesse dele, poderia durar até um pouco mais. A explicação é simples: nessa conversa ele abriu o coração, talvez como poucas vezes, para falar de coisas que embalsamaram sua vida. De amigos, ex-amigos, jornalismo, reportagem, traição, política, família, doença e, é claro, sua grande paixão profissional: seus livros e sua história na Literatura e no Jornalismo.

Por pouco a entrevista não teria sido feito em sua casa de Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, para onde chegou inclusive a ser marcada. Mas ele, em função de compromissos pessoais inesperados, mudou a data e transferiu a entrevista para São Paulo.

Chegamos praticamente no meio da mudança, alguns dias depois de ele deixar o escritório que mantinha num prédio na avenida Paulista por esse que fica quase a seus pés, no mesmo prédio em que mora, em Higienópolis, bairro nobre de São Paulo, bem próximo do Estádio Municipal do Pacaembu e do tradicional Colégio Rio Branco. Agora, seu único trajeto, quando está

em São Paulo e sai para trabalhar, é feito de elevador. E ainda assim são pouquíssimos andares. Próximos dele, morando nas redondezas, estão, entre outros, o rabino **Henry Sobel**, **Juca Kfour** e **Thomaz Farkas**.

As caixas com livros, documentos, fitas e pertences pessoais ainda entulhavam grande parte do ambiente, apesar do zeloso esforço de organização de sua irmã, Marília, que há anos vem a ser também sua principal assistente. São tesouros que ele guarda e acarinha a cada momento, sabedor da preciosidade que encerram.

Recebe-nos de forma afetuosa e absolutamente informal, como se dele fôssemos velhos amigos. Conosco está o assistente **Luiz Anversa**, menino de tudo e já com essa oportuni-

dade de ouro de estar frente a frente com um dos monstros sagrados da literatura e do jornalismo brasileiros, e a experiente e criativa fotógrafa **Sônia Mele**. Uma parte da ampla sala que lhe serve de escritório já está razoavelmente bem arrumada. É a que fica do lado direito de quem entra e onde estão dezenas de exemplares de seus livros, de diferentes edições. É um estoque pessoal que ele usa quando necessário. À esquerda, outra estante, essa com obras de consulta. No centro, entre esses dois

ambientes, tendo ao fundo uma ampla janela envidraçada, está a imensa escrivaninha que lhe dá apoio nas jorna-

Sônia Mele



Eduardo Ribeiro, Wilson Baroncelli, Luiz Anversa e Fernando Morais

das literárias paulistanas. Entreaberta, a vidraça às suas costas permite aliviar o ar carregado de tabaco que suas permanentes baforadas inoculam no ambiente. Charutos e cigarilhas são seus fiéis companheiros. E fazem lá seus estragos, como a tosse incontrolável que o acomete quando a garganta seca, sobretudo em ocasiões como essa, em que precisa falar muito. Foram seguramente umas quatro interrupções ao longo da entrevista por esses acessos de tosse, que, além do desconforto natural, lhe provocavam nas têmporas uma vermelhidão típica de quem se vê obrigado a exigir demais do coração. E a cada acesso, reconhecendo sua relação velhaca com o vício, ele próprio, mangando de si mesmo, bradava sem meias palavras: "Fuma, filho da puta, fuma!!"

O computador, numa mesa menor

acoplada à direita da mesa maior, forma um L na estação de trabalho. À sua frente, um Buda repleto de moedas internacionais é uma das peças que mais despertam a atenção dos interlocutores, que logo ficam sabendo que é para dar sorte e atrair riqueza.

O escritor do povo, como chegou a ser chamado quando atuou na política, sofre de depressão (e se cuida), tem poucos amigos, fruto das inimizades e distanciamentos que a política e o destemper verbal produziram, leva a vida com conforto, mas se diz financeiramente remediado ("não tenho nada"), não é religioso, embora respeite todas as crenças ("sou um materialista místico"), e adora trabalhar, ainda que tenha deixado escapar na entrevista que gostaria que fosse hereditária a sorte que o pai teve na loteria.

Esse, aliás, é quase um capítulo

a parte na entrevista. Seu pai, José Carneiro de Morais, era um homem ao mesmo tempo rude e refinado. Gostava, como poucos, de literatura, mas não tinha o menor constrangimento em surrar os filhos. E em várias passagens Fernando mostra como foi conflituosa a relação com ele, embora no final da vida tenham hasteado a bandeira branca.

Na entrevista, Fernando revela coisas que nunca havia contado a ninguém de fora da família, como a surra que o pai deu, desta vez não nele, mas no bispo da cidade (porrada mesmo, escada abaixo), por causa de uma satisfação que o religioso foi tirar na casa dele, na frente da família. Conta ainda como foram os difíceis momentos no enfrentamento à ditadura, quando até uma fita de minicassete teve que engolir para não comprometer



Fernando Morais

o amigo Chico Buarque de Hollanda, perseguido, como ele, pela ditadura. Revela que por pouco, e graças à intervenção dos patrões **Domingo Alzugaray** e **Luís Carta**, talvez fosse ele, e não **Vladimir Herzog**, a ir parar nos porões do DOI-CODI, no fatídico 25 de outubro de 1975.

A emoção que manifestou em duas ou três ocasiões foi muito forte ao nos contar essa passagem sobre a coragem de Alzugaray e Carta em peitar a ditadura para ajudar a salvar a sua pele. E mais ainda, quando quase lhe brotaram lágrimas, ao se referir a **Ruy Mesquita**, que mesmo já não sendo mais seu patrão se dispôs a acompanhá-lo ao Dops, se preciso fosse, para dizer que ele continuava sendo funcionário do Estado e que com ele ninguém iria

mexer: *“Avisa pro Fernando que, se ele precisar, nós diremos que ele continua trabalhando aqui.” É interessante isso, porque hoje tem tanta gente por aí, valente, mijando em leão morto... “Eu fiz e aconteço!” Gente que tá aí recebendo indenizações... Eu estou falando do Ruy Mesquita! Não era o Apolônio de Carvalho! Ruy Mesquita, filho do dr. Julinho, neto do dr. Julio, irmão do Julio Neto... se dispôs a levar um comuna, entre aspas, para salvar a minha pele! São essas poucas coisas boas que acabam emergindo dessas situações dramáticas.”*

Chegamos para a entrevista após uma ampla pesquisa sobre o jornalista escritor e com um roteiro que continha quase cem perguntas, dos mais variados matizes. Não precisava

tanto. Bastou fazer a primeira para ele embalar e não mais parar, a não ser em poucas e breves ocasiões. Saiu quase como música. Música que em alguns momentos também cantarolou, judiando um pouco de nossos ouvidos. Como igualmente declamou, dando vazão a uma das paixões que traz da infância.

Por tudo isso, caro leitor, uma recomendação: não leia com pressa a entrevista. Leia em capítulos, como a um livro. Vá degustando lentamente, sorvendo as boas histórias que dela fluem a cada parágrafo, a cada resposta.

Boníssima leitura!

**Eduardo Ribeiro
e Wilson Baroncelli**

“Continuo sendo jornalista e repórter”

Jornalistas&Cia – Como foi a sua infância em Mariana?

Fernando Morais – Foi um pouco tumultuada porque meu pai era bancário, gerente do antigo Banco da Lavoura de Minas Gerais, que depois virou Banco Real... Somos nove irmãos e eu vivi em Mariana até os cinco anos. Lá era a sede da Cúria, da Mitra Diocesana. Na verdade, era uma espécie de capatazia da Igreja, que vinha da Bahia até São Paulo e a sede era em Mariana, uma cidade, como se vê, muito religiosa, sede de bispo. E meu pai sempre foi ateu. Minha mãe não, tinha origem cristã, mas não era carola, tanto que nenhum dos filhos foi batizado. As meninas só se batizavam depois de adultas, ao casarem na igreja. Quando os dois mais velhos, Carlinhos

Wagner e Gilda, terminaram o antigo curso primário, meu pai decidiu ver escola para eles em Belo Horizonte, porque ali, em Mariana, as únicas alternativas eram um seminário e um convento, e ele não queria isso para os filhos.

J&Cia – O Carlinhos também era jornalista, não era?

Fernando – Sim. Morreu há uns 20 anos num acidente. Era da turma do **Gabeira [Fernando]**, do **Zuenir [Ventura]**, do **Zivaldo**, que deixaram Minas para morar no Rio de Janeiro, cidade que sempre foi a primeira opção dos mineiros, embora São Paulo também tenha depois se tornado um destino importante para outros conterrâneos.

J&Cia – Qual era o nome do seu pai?

Fernando – José Carneiro de Morais.

J&Cia – E da sua mãe?

Fernando – Custódia. Mas eram “seu” Duduca e “dona” Zizina. Meu pai era um tipo especialíssimo. Bruto, mas sofisticado intelectualmente. Parte da minha biblioteca herdei dele. Era autodidata e se formou em Economia quando tinha já nove filhos. Nessa biblioteca havia, por exemplo, coisas como uma edição completa da obra de Freud, de 1940. Ele lia muito...

J&Cia – Isso acabou te influenciando?

Fernando – Certamente. Eu gosto muito de poesia e vivia declamando, principalmente Manuel Bandeira. E essa prática acabou me acompanhando pela vida toda, tanto que até hoje sei declamar muita coisa... sei cantar trechos, árias de óperas da memória mais remota da infância.

J&Cia – E o seu pai o apoiava?

Fernando – Ele não gostava muito que eu elogiasse Bandeira porque havia o Drummond, né? Mas, como eu disse, era um homem bruto, mas ao mesmo tempo refinado, gostava das letras. E caçador...

“Meu pai agarrou o bispo e foi dando porrada na cara dele. E o bispo saiu rolando escada abaixo. Nunca falei sobre isso. Essa é a primeira vez que estou contando isso pra gente desconhecida da família...”

bom de tiro, acertava moeda que nem naqueles filmes antigos de faroeste. Saía às três da manhã a cavalo e voltava às nove com uma paca na garupa...

J&Cia – E você ia junto?

Fernando – Não. Ele não deixava por causa da arma de fogo e dos perigos.

J&Cia – Fale um pouco mais de seu pai.

Fernando – Ele era um sujeito duro, duro, duro... seco! E como era costume naquela época, não nos poupava de castigos físicos. Agora está se discutindo essa coisa da palmada, mas naquela época o castigo físico era um padrão pedagógico brasileiro, sabe? E eu, por alguma casualidade, apanhei muito mais do que os meus irmãos. Mas todos nós tomamos umas bifas na orelha. Eu me lembro que tinha épocas de minha mãe encher uma banheira de água com sal pra eu tomar banho e tirar as marcas roxas de surra.

J&Cia – Vara de marmelo?

Fernando – Vara de marmelo... Ele chegou a comprar um cinto e, o que foi o maior terror, até uma pala de bater em cavalo, deixando-a pendurada na sala de jantar da nossa casa para eu, sempre que passasse ali, ver que a ameaça era presente.

J&Cia – Você era muito aprontão?

Fernando – Dizia ele que sim. Mas não acho que fosse nada mais do que a maioria dos outros meninos. Lembro de uma ou outra maluquice, mas nada que justificasse um castigo físico...

J&Cia – Voltando à questão do estudo de seus irmãos em Mariana...

Fernando – Então, como não tinha como matricular as crianças em Mariana, a não ser em escola religiosa, coisa que meu pai não queria, ele foi a Belo Horizonte, atrás de um colégio interno que pudesse pagar e que tivesse boa qualidade de ensino. E esse colégio foi o Batista Brasileiro que, embora protestante, não tinha

ensino religioso. Uma instituição que até hoje é um bom centro de formação de pessoas, mas que não dá formação religiosa. Meu pai foi lá, matriculou os dois e voltou para Mariana. Agora, vejam vocês: se hoje Mariana é uma cidade provinciana, imaginem há uns 60 anos! Foi ele voltar para casa e se espalhar pela cidade a notícia de que o gerente do banco tinha matriculado os filhos num colégio protestante. Não tardou muito e o bispo da cidade, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, foi lá em casa tomar satisfações. Chega de noite e encontra meu pai lendo e minha mãe cuidando da

Arquivo Fernando Morais



1968



Fernando Morais

gente. Eu era muito pequeno ainda, tinha cinco anos, por aí. Acho que é a memória mais remota que eu tenho. O bispo veio todo paramentado, sapato com fivelão de prata, uma cinta vermelha amarrando a batina e tal. E esse bispo era muito atrevido, famoso pelo autoritarismo. Entrou dando bronca: "Olhe, eu vim aqui para informar que não admito que o responsável pela guarda das finanças da Igreja Católica Apostólica Romana dê mau exemplo para a população, educando seus filhos numa escola protestante!". Nós ficamos espantados porque nunca tínhamos visto alguém falar grosso com meu pai. Ele disse: "Dom Helvécio, acho melhor o senhor passar amanhã

no banco para conversar comigo, porque o senhor está na minha casa, na frente da minha mulher, dos meus filhos..." Ele cortou: "Eu não lhe dei ordem para falar! Ainda não dei ordem para falar!". E meu pai respondeu: "Eu posso ir amanhã até a Cúria, pra gente conversar". Ele interrompeu: "Eu quero que o senhor volte atrás, que se retrate dessa irresponsabilidade, desse mau exemplo que deu para a população!". Ele disse: "Dom Helvécio, o senhor não pode falar assim comigo na frente dos meus filhos, dentro da minha casa". O bispo repetiu: "Já disse que não lhe dei ordem para falar!"

J&Cia – E o que aconteceu?

Fernando – Meu pai agarrou o bispo e

foi dando porrada na cara dele. E o bispo saiu rolando escada abaixo. Nunca falei sobre isso. Essa é a primeira vez que estou contando isso pra gente desconhecida da família... E saiu batendo pra valer! Desceu pela escadaria falando palavrão: "Filho de uma puta!". E o bispo era moreno, chegava a ser meio mulato, tipo Roberto Marinho, digamos assim. Aí emergiu todo o preconceito: "Nêgo filho de uma puta! Nêgo fedorento veio na minha casa!". E enfiou a mão... Bem, no dia seguinte, o bispado mandou informar ao dono do banco em Belo Horizonte que se meu pai permanecesse lá a Igreja ia tirar todo o dinheiro do Banco da Lavoura, não só de Mariana, mas do Brasil inteiro! Onde tivesse um Banco da Lavoura com depósitos da Igreja, seria tirado. Eram muito poucos bancos na época. E aí saímos, meu pai arrastando mulher e nove filhos. Fomos primeiro para Ubá, terra do Ari Barroso. Além do que meu pai foi excomungado.

Dormi office-boy e acordei repórter. Com 14 anos. Achei minha carteira profissional outro dia e eu vi que tinha acabado de completar 14 anos.

J&Cia – Quer dizer que o banco o manteve?

Fernando – Sim, eles foram íntegros nesse episódio. Vale ressaltar que o banco já havia passado por uma situação, guardadas as devidas proporções, meio

complicada anos antes com o Magalhães Pinto. Ele era diretor e assinou o Manifesto dos Mineiros, o primeiro manifesto civil contra Getúlio. Já houvera a intenção comunista em 35, armada, o putsch fascista do Plínio Salgado, dos "galinhas-

verdes", em 38, armado também. Essa, portanto, foi a primeira manifestação civil contra o Estado Novo. E teve entre os seus signatários Magalhães Pinto. No dia seguinte, Getúlio ligou para o dono do banco, Clemente Faria, pai do Aloysio de Faria, que daria continuidade aos negócios financeiros da família, com o Banco Real (vendido para o Amro Bank, por sua vez comprado pelo Santander) e, agora, com o Alfa. Pediu a cabeça de Magalhães e o velho Clemente deu. Magalhães acabou montando depois o Banco Nacional, que passou a ser o principal concorrente do Banco da Lavoura.

J&Cia – Mas no caso do seu pai isso não aconteceu...

Fernando – O banco se comportou com decência. Transferiu primeiro para Ubá, depois para Lima Duarte, que é outra cidade muito pequena no interior de Minas. Ele ficou pouco tempo em cada uma delas... minhas lembranças são muito fragmentadas. Depois fomos para Belo Horizonte e ele acabou fazendo carreira. Virou vice-presidente, cargo que ocupou até a morte. Por volta de 1965 o banco



Jornal da Tarde 1968

transferiu a sede para São Paulo, mas aí eu não queria vir porque tinha uma namorada e disse: "Vou morar com meu irmão mais velho para poder ficar com a namorada". Mas não teve jeito, o destino acabaria me conduzindo a São Paulo logo depois, de uma outra forma: os Mesquita montaram o Jornal da Tarde e o **Murilo Felisberto** me chamou. Chamou a mim e a outros 60 mineiros. (risos). Eu tinha sobre os demais a vantagem de ter onde morar, porque minha família já estava em São Paulo e eu não precisava pagar aluguel. Nessa época, 1965, eu tinha 19 anos. Mas vamos retroceder um pouco para vocês entenderem como eu fui me meter nessa profissão.

J&Cia – Basicamente, sua formação mais consistente se deu em Belo Horizonte...

Fernando – Em Belo Horizonte.

J&Cia – E você acabou nem estudando no Colégio Batista...

Fernando – Não! Não! De todos os colégios de Belo Horizonte, eu fui decaindo. Comecei num colégio estadual que era um exemplo... um projeto do Niemeyer...

J&Cia – No tempo em que colégio do estado era bom...

Fernando – Era uma maravilha! Uma maravilha! Eu, um ex-secretário de Educação, dizendo isso! Mas era. Tinha, inclusive, jubilação. Se você levasse pau dois anos seguidos, no terceiro tinha que dar o lugar para quem quisesse estudar. Comecei no estadual e fui decaindo, decaindo, até chegar ao penúltimo degrau de baixo para cima da qualidade educacional, em um colégio chamado Afonso Celso, que era o que se chamava na época "boate". Pagava a mensalidade e estava garantido. Fiz o vestibular de Direito, passei e nunca fui de frequentar muito a faculdade. Quando levei a segunda bomba no estadual – devia ter uns 12

ou 13 anos –, meu pai disse: "Não quer estudar? Tudo bem, então vai trabalhar. Eu não vou sustentar vagabundo para ficar jogando sinuca, ficar não sei o quê..." Eu faltava às aulas. Para mim era até bom trabalhar, porque aí ganharia o meu dinheirinho, por menor que fosse, e começaria a ter uma certa independência daquele pai autoritário. Ele arrumou para eu ser *office-boy* do banco. Ainda não era diretor, mas devia estar no meio da carreira, ser chefe de departamento ou gerente de uma agência grande. E por absoluta casualidade fui ser *office-boy* do *house organ* do banco, a Revista Pan Lavoura. Eu gostava muito de ler, não era um bom aluno formalmente, mas lia. Lia muito, pois tinha em casa uma biblioteca riquíssima. E já fazia um jornalzinho mimeografado da minha turminha da rua. Ali no banco, eu ficava na redação da revista, servia café para as pessoas. Como ela era impressa em clichê, de



Fernando Morais

vez em quando eu tinha que pegar uma pilha deles, botar no ombro e devolver para a gráfica, para reaproveitamento... Aquela era a gráfica da Revista Alterosa, onde trabalhavam **Ivan Ângelo**, **Henfil**, **Ziraldo** e alguns outros colegas dessa geração que hoje tem 70 anos. Foi ali, portanto, que eu os conheci. Os famosos de que me lembro eram esses.

J&Cia – E como era a redação do house organ?

Fernando – Tinha só um repórter na revista. Quase tudo era esforço de “recortagem” (risos). E tinha um grande tradutor! Um senhor que durante certo tempo traduziu Jorge Amado para o inglês.

Comuna. Quando eu não tinha nada para fazer, ficava sentado numa maquininha no fundo escrevendo o jornalzinho da turma do bairro. Um dia faltou o único repórter da revista, **Antônio Walter Nascimento**, hoje psicanalista em Belo Horizonte. Não seguiu a carreira e nem tinha curso de jornalismo. Naquela época você sabia escrever e já era jornalista, pois não tinha essa exigência de diploma. Como dizia, o Walter não foi trabalhar por um problema qualquer e tinha uma entrevista marcada. O editor da revista chegou a mim e disse: “Te vejo aí batucando na máquina dos outros... Quer fazer uma entrevista?” Eu concordei na hora e ele disse: “Então tira

essa roupa de *office-boy* – que é para não fazerem um mau juízo da gente – e vai lá fazer a entrevista”. É que eu andava fardado, tinha um terninho de brim cáqui, com o escudo do Banco da Lavoura bordado, gravata.

J&Cia – E quem você teria de entrevistar?

Fernando – Ah, era a moça que havia sido escolhida Miss Banco da Lavoura e iria concorrer a Miss Belo Horizonte. Naquela época concurso de miss era uma notícia importante. Coisa do Chateaubriand, dava capa no Cruzeiro e tal. E aí pensei: “Que maravilha! Já comecei entrevistando mulher bonita!”. (risos) E comecei a sonhar com o seguinte: ela vai se eleger Miss Belo Horizonte, depois Miss Minas Gerais, Miss Brasil e finalmente Miss Universo. E eu estaria estreado na carreira simplesmente tendo entrevistado a Miss Universo.

J&Cia – E sua profecia mental deu certo?

Peguei aqui jornalistas calibre 45... como Geraldo Mayrink, Fernando Portella, Woile Guimarães, além do próprio Mino [Carta], do Murilo [Felisberto] e do Ivan [Ângelo]. Gente que te mandava reescrever matéria umas 50 vezes. (...) Foi algo que nenhuma outra escola poderia ter me dado... nem mesmo uma escola formal.

Fernando – Que nada! Ela não passou de Miss Banco da Lavoura, coitada. Acho que só era bonita para os meus olhos. (risos) E o editor adorou.

J&Cia – Aí você virou repórter?

Fernando – Ele falou: “Você não quer deixar de ser *office-boy* e virar funcioná-

rio?”. Como *office-boy* eu ganhava salário de menor, que era meio salário mínimo bancário, diferente do salário mínimo geral. Eu disse: “Claro que quero!”. Dormi *office-boy* e acordei repórter. Com 14 anos. Achei minha carteira profissional outro dia e vi que tinha acabado de completar 14 anos.

J&Cia – Você era muito namorado?

Fernando – Na medida do possível, sim. Embora muito feio e magro, passei a ter uma qualidade: era jornalista! Todo mundo lá estudava e eu já era um jornalista! Como no banco a jornada era de seis horas, entrava a 1h e saía às 7h da noite, comecei a fazer dois outros trabalhos fora. Tinha a escola de manhã, mas eu não ia, pois o Afonso Celso não exigia nada, e co-

mecei a fazer *frilas*. Primeiro no Diário de Minas, com o **Flávio Márcio**, já falecido, que veio a ser meu chefe no Jornal da Tarde, anos depois. A propósito, estou chegando àquela fase da vida que, como diria Jorge Amado, tenho mais amigos do lado de lá do que do lado de cá. (risos) Era bom, porque meu nome apareceria no jornal e isso dava prestígio, ajudava a me destacar na profissão.

J&Cia – E o outro trabalho?

Fernando – Foi com o **Antonio Teles**, que hoje é vice-presidente do Grupo Bandeirantes, e com o irmão dele e meu xará **Fernando Teles**, que morreu há pouco tempo. Ali eu fazia rádio-escuta para o Fernando, que tinha um telejornal às 7h da noite na pequenina TV Belo Horizonte – nada a ver com a poderosa Itacolomi, do Chateaubriand. Ali eu ouvia rádio, pegava notícia, mudava a linguagem e passava para o Fernando na hora de abrir o programa. E foi nessa época que apareceu o convite para São Paulo. Coincidiu de meu pai já ter vindo e dos Mesquita abrirem o Jornal da Tarde. Eles chamaram o **Mino [Carta]** e o Murilo. Eu trabalhei



Arquivo Fernando Morais

Caio F. Abreu, FM, Jorge Escosteguy, Nelida Piñon, Clarice Lispector e João Antonio - 1975

com o Mino desde a fundação do jornal até ele sair para fazer a Veja, em 1968, e o Murilo assumir o lugar dele – e o Ivan, o lugar do Murilo. Foi a melhor escola que eu poderia ter tido. Peguei aqui jornalistas calibre 45, como **Geraldo Mayrink**, **Fernando Portella**, **Woile Guimarães**, além do próprio Mino, do Murilo e do Ivan. Gente que te mandava reescrever matéria umas 50 vezes: “Volta que tá ruim, o lide está lá no meio. Desse jeito não seduz ninguém. Volta pra rua e entrevista de novo... Você passou raspando

na notícia...” Foi algo que nenhuma outra escola poderia ter me dado, nem mesmo uma escola formal.

J&Cia – Quantos anos você tinha?

Fernando – De 18 para 19 anos e com um puta de um tesão. Imagina, vir para São Paulo...

J&Cia – E a namorada, veio junto?

Fernando – Não, a namorada ficou. Como ganhava bem, comprei um Fusca. Fechava o jornal na 6ª.feira de noite e viajava. Como não tinha Red Bull naquela época, tomava Melhoral, Coca-Cola e

café. Era o nosso prego, equivalente ao rebite que os motoristas de caminhão usavam. Ficava a noite inteira num fusquinha velho, caindo aos pedaços. Nove horas de viagem e a Fernão Dias uma pista só. Chegava de manhã, passava o sábado namorando, na boate madrugada adentro e arrematava o domingo bebendo com os amigos. À noite pegava o carro e tocava de volta.

J&Cia – Seu santo era forte, né?

Fernando – Olha, não morri sabe Deus por quê... Mas tinha uma vantagem:





Fernando Morais

como éramos vários mineiros da mesma geração, quase todos com namoradas por lá, fazíamos um revezamento não só de gasolina, para rachar a despesa, mas também para guiar. Um deles era o **Marco Antônio Rezende**, mas havia outros.

J&Cia – *Você chegou aqui num caldeirão político. Tinha já alguma formação de esquerda?*

Fernando – Não. Meu irmão mais velho era um cara de esquerda. Meu pai não tinha convicções visíveis, mas nunca apoiou o golpe, por exemplo. Nunca, em nenhum momento, na minha casa, alguém foi para a oposição. Mas a minha cabeça política foi feita aqui. Antes de ser feita pela política foi feita pela música, porque fui durante um período repórter e depois editor de Variedades do Jornal da Tarde e isso me aproximou dos Baianos... o [Gilberto] Gil e o Caetano [Veloso]. De um lado, eles; e do outro, o Bondinho...

Hamilton [Hamilton de Almeida Fi-

lho], Myltainho [Mylton Severiano da Silva], Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Paulo Patarra... Acabei me convencendo que uma das maneiras de lutar contra a ditadura era lutar contra os valores da cultura burguesa. Eu era contra a família e a favor de todas as drogas...

J&Cia – *Chegou a experimentar, foi viciado?*

Fernando – Eu não consumia; fui fumar maconha pela primeira vez aos 55 anos. Droga pesada, nem pensar! Nunca cheirei cocaína ou experimentei esse negócio de picar. Até para tirar sangue eu reajo mal (risos). Eu não usava, mas defendia! Cada um fuma o que quiser, usa o que quiser, mas eu mesmo não usava nada. E isso veio do convívio com os Baianos e com os da geração do Bondinho.

J&Cia – *Foi mais ou menos nesse período que decretaram o AI-5, certo?*

Fernando – Ele foi instituído em 13 de dezembro de 1968. Aquilo foi um desastre para nós no Jornal da Tarde.

E ficamos sabendo por meio da Rádio Eldorado, que naquele tempo tinha entre seus locutores o **Boris Casoy** e o **Mário Lima**, com aquele vozeirão, que de hora em hora davam as notícias.

J&Cia – *E como foi o impacto do AI-5 na redação?*

Fernando – Foi uma tragédia. Me lembro que no meio da redação tinha uma coluna de concreto e nela aparafusada uma caixa de som pequenininha, que transmitia dia e noite a Rádio Eldorado. Só música clássica, nada de MPB, vocal, ópera, só música clássica instrumental. Nós todos lá em volta da caixa de som da Eldorado, 7 horas da noite entra A Voz do Brasil... O **Alberto Cury** era o locutor oficial da Presidência da República. Carecão, sentado ao lado do Costa e Silva no Palácio Guanabara para anunciar o Ato 5. Eu na redação, ao lado da caixinha de som.

J&Cia – *E os Mesquita?*

Fernando – Naquela noite o **Julinho [Julio Mesquita Neto]** fez um célebre

editorial que não chegou a circular. O dr. Julinho e os filhos se recusaram a aceitar a censura. Disseram: "Não!" Era um belicismo, um belicismo. Também foi importante o papel do **Ruy [Mesquita]** – aliás, não tinha essa de Ruy, era dr. Ruy, grande figura... Eles também dariam um livro maravilhoso, que eu quase fiz... Dá um livraço! A família e o jornal... A importância dessa gente para o Brasil... Acho que, hoje, aos 64 anos, tenho mais serenidade para fazer. Não sou mais tão sectário como era quando pensei em fazer esse livro pela primeira vez. Hoje acho que posso fazer um livro mais isento. Fiz *Olga*, fiz *Cuba* e agora vou fazer *Antonio Carlos Magalhães!* O material tá todo espalhado por aí...

J&Cia – *E o que aconteceu com o jornal no dia seguinte à decretação do AI-5?*

Fernando – Encostou um caminhão na boca da máquina e recolheu os exemplares. Não foi sequer para as bancas. E aí, com os censores dentro da redação, a vida ficou cinzenta. Ficavam com uma prancheta, dessas de diagramação, de arquiteto... Em pé, jovens, em manga de camisa, silenciosos... não davam um pio com ninguém... sentavam no canto, recebiam as matérias e liam antes de descer para a oficina. E iam cortando ali mesmo na lauda, para não ter de cortar nas provas. O arquivo do Estadão tem uma tonelada de matérias cortadas na lauda. E foi uma merda! O JT, que era uma maravilha, que era ousado e

atrevido, foi emasculado, castrado pela censura.

J&Cia – *Foi nesse clima que surgiu a matéria da Transamazônica na sua vida?*

Fernando – Foi um pouco depois, em 1970. O Médici [Emílio Garrastazu], já presidente, logo depois da junta militar, decidiu construir a Transamazônica. São os militares, uma grandeza e tal... E o Murilinho, que tinha um olfato singular de pauteiro, falou: "Eles vão levar operários do Brasil inteiro para o meio da selva!" E as máquinas de terraplanagem? Não tinha estrada! Como as máquinas iam ser levadas para lá? Eram tão grandes que não dava para ir por via fluvial, porque os rios não tinham calado suficiente. Tiveram que usar aqueles helicópteros gigantes que descem tanques de 40 ou 50 toneladas... As máquinas e a peãozada do Brasil inteiro. Emprego dando sopa. E o Murilo falou: "Por que você não vai lá e conta essa aventura e também o que tem lá no meio da selva?" Hoje toda criança sabe da Amazônia por causa dessa cultura verde, ambientalista.

Eles [a família Mesquita] também dariam um livro maravilhoso, que eu quase fiz... Dá um livraço! A família e o jornal... A importância dessa gente para o Brasil... Acho que, hoje, aos 64 anos, tenho mais serenidade para fazer... Não sou mais tão sectário como era quando pensei em fazer esse livro pela primeira vez...

Mas naquela época, havia trechos da Amazônia totalmente desconhecidos. Não se sabia se havia índios, tribos, se eram antropófagos ou não. Eram lugares onde nenhum civilizado tinha posto o pé antes, como a Serra do Cachimbo, esse onde caiu o avião da Gol. Em 1970 nem os Villas Boas, que conheciam tudo, tinham chegado lá ainda... Eu aceitei, mas como era um trabalho de muito fôlego o Murilo falou: "Vou pôr dois repórteres e um fotógrafo. Sai um de cada ponta da estrada, vocês se cruzam, continuam andando... O fotógrafo que estiver com um muda e segue com o outro." E chamou o **Ricardo Gontijo**, que mora no Rio de Janeiro, está aposentado, e o **Alfredinho Rizutti** como fotógrafo. Grande Alfredinho, morria de medo de índio, de onça. Mas nós fomos armados, cada um com uma pistola, além de uma carabina enfiada no teto de lona do jipe Gurgel, que foi especialmente preparado

para nós, com tanques aumentados e um pouco mais de segurança.

J&Cia – *Não tiveram problemas com o Exército?*

Fernando – Já havia o foco da guerrilha do Araguaia e o Exército não só sabia como já estava atuando por lá. Mas nós não sabíamos de nada. Aí aparecem no caminho dois barbudos e ainda por cima armados... Fomos presos duas vezes. Eles não diziam para nós o que era, mas confirmavam as nossas identidades. O que foi possível porque havíamos montado um esquema de autoproteção, a partir dos postos e acampamentos que o DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) espalhou pelo caminho, como base para a peãozada.

J&Cia – *E vocês dormiam onde?*

Fernando – Dormíamos no carro mesmo. Agora eu me lembro bem: nós resolvemos que seria melhor – e foi melhor mesmo – sairmos os três juntos, do lugar

que os milicos pretendiam que fosse o km 0 da Transamazônica, na Paraíba, extremo Leste do Brasil, em Cabedelo. E a estrada só ia parar no extremo Oeste, Pucalpa, na fronteira com o Peru. E

Foto: Sônia Mele





Fernando Morais

fizemos isso, seguindo conselho dos próprios irmãos Villas Boas, que achavam mais seguro fazermos uma única viagem, em um único carro.. Ficamos três meses. Bons tempos, né? Você podia colocar três jornalistas bem pagos, para ficar três meses numa matéria que poderia dar em nada. Poderíamos ter voltado com



Com Zuenir Ventura, na Visão - 1975

as mãos abanando. A matéria ganhou o *Esso de Reportagem* naquele ano. Ah, outro detalhe: o jornal publicou 20 páginas e o fez durante uma semana, de 2ª a 6ª; cada dia um caderno de quatro páginas, limpo, sem um calhauzinho, sem um anúncio. Chamava *Primeira aventura da Transamazônica*. Imagina, eu era estreante em 70, tinha 23 anos! Ganhar o *Esso* com 23 anos, malandro? Deus é pai!

J&Cia – *O Gontijo, aliás, sempre que pode também recorda as aventuras desse trabalho...*

Fernando – Foram muitas, tenho fotos. Numa delas estamos empurrando o jipe atolado num areal no meio da Amazônia. Um banco de areia! Areia de praia debaixo daquelas árvores com dezenas de metros. Aí eu voltei, ganhei o prêmio, beleza. Agora me veio um pequeno flashback do meu pai, que na época já era diretor do banco. O **Cláudio Abramo**, que era presidente do júri, telefonou ao dr. Ruy para dizer que

tínhamos ganhado o prêmio. Ele entrou na redação, contou, mandou vir champanhe. Como se eu não soubesse de quem era filho, liguei para o meu pai no banco. A secretária disse que ele estava numa reunião, mas falei: “Pode passar que é notícia boa!”. Ela disse: “Olha lá, hein? Você conhece o seu pai!”. Mas eu insisti: “Pode passar, pode passar!”. Na hora em que ele atendeu eu falei: “Pai, acabou de chegar a notícia! Ganhamos o *Prêmio Esso!*”. Ele falou: “Eu não acredito que você me tirou de uma reunião para falar uma bosta dessas!”

(gargalhadas gerais)

Fernando – Isso é que é um pai, né? Aí, a Transamazônica não só deu uma grande visibilidade ao meu trabalho como apontou aquele que seria o meu rumo definitivo, o negócio de livro. O **Caio Gracco** [Editora Brasiliense] se encantou com a matéria e depois que ela ganhou o *Esso*, ligou e perguntou: “Vocês não querem publicar em livro?”. Dissemos:

“Claro! Mas publicar reportagem em livro?” Parecia um negócio assim tão despropositado... Ele disse: “É!”. E publicou, com as fotos do Alfreidinho. E como a matéria era muito pouco simpática ao projeto da Transamazônica, para ter um aval ele convidou para fazer o prefácio o Roberto Campos, que era de direita, embora estivesse meio de escanteio no Governo Médici por pendengas do sistema. Foi inteligente porque sabia que, mesmo sendo de direita, Campos era contestado por ser antiestatista. E o prefácio que escreveu correspondeu plenamente às expectativas, dizendo que com aquela obra o estado está jogando dinheiro fora. Tenho até hoje, guardada em algum lugar, a autorização dele para usar o prefácio.

J&Cia – *Vendeu bem?*

Fernando – Para a época, o *Primeira aventura na Transamazônica* vendeu bem, uns 20 mil livros. Mas está fora de catálogo. É capaz de encontrar ainda em algum canto. Outro dia achei um num sebo da internet, não comprei na hora e quando voltei já tinha evaporado. Aí comecei a pensar o seguinte, não na hora, é claro, mas algum tempo depois: “Publicar reportagem em livro, primeiro, dá certo? Sim. Segundo, dá dinheiro? Dá mais do que eu ganho no jornal”. Eu nunca tinha elaborado isso, desse jeito. Tenho a impressão de que em algum buraco do meu inconsciente aquele livro chamou minha atenção para isso. E aí fui indo, fui indo... Saí do Jornal da Tarde em 1974. Eu e vários colegas, pois já estávamos todos meio brochados com aquele negócio de censura. E aí apareceu a Visão no meu

caminho. O **Maksoud [Henry]** comprou do **Said Farah** a revista e chamou para ser diretor de Redação o **Evaldo Dantas Ferreira**, que levou para lá **Rolf Kuntz**, **Carlinhos Brickmann**, **Ricardo Setti** e **Gabriel Manzano**, que se juntaram aos que lá já estavam, como **Miguel Urbano Rodrigues**, **Rodolfo Konder**, **Luiz Weis**, **Vladimir Herzog**... Encontramos uma base do Partidão montadinha lá dentro. Ah, tinha também o **Eduardo Suplicy**, que estava estudando Economia na FGV e virando jornalista, o **Gilberto Dimenstein**, que era um frango na época, bem mais novo do que eu...

J&Cia – *E quando surge Cuba em sua vida?*

Fernando – Pois é. Desde 1970, quando ganhei o *Esso* com a Amazônia, sentia vontade de fazer uma matéria sobre Cuba, por ver que não saía nada no Brasil. Desde o golpe de 64 só saíam aquelas matérias monumentais que o Estadão publicava aos domingos, compradas de agências internacionais. E era cacete, cacete, paredão, fuzilamento, tão morrendo de fome, um regime an-

Durante uma semana, de 2ª a 6ª, o jornal publicou todos os dias um caderno de quatro páginas, limpo sem um calhauzinho, sem um anúncio... chamava Primeira aventura na Transamazônica... Imagina, estreante... em 70 eu tinha 23 anos! Ganhar o Esso com 23 anos, malandro? Deus é pai!

ticristão, carro velho, não sei o quê, não sei o quê... Um ódio profundo pela Revolução Cubana e eu tinha uma enorme curiosidade: “Que merda é essa? Uma coisa tão pertinho, um país tão parecido com o nosso, e não conseguimos saber nada, nada, nada?”. Comecei a pedir visto via embaixadas cubanas espalhadas pelo mundo, pois o Brasil não tinha nenhum tipo de relação com Cuba. Não tinha ligação telefônica, correio, nada. Quem representava os interesses dos dois países, em algum caso extremo, era a Suíça. Se fosse apanhado um cubano aqui no Brasil ou o contrário, lá em Cuba, a embaixada suíça representava os interesses reciprocamente nos dois países. Mas jamais para pedir visto! Imagina! Então, o que eu fazia? Vamos supor que você estivesse estudando na França. Eu te mandava uma carta, dentro da carta um envelope com um currículo meu e uma carta dirigida ao embaixador

de Cuba na França pedindo visto de entrada para fazer uma reportagem.

J&Cia – *Isso ainda no Jornal da Tarde?*

Fernando – Sim. Eu lembro que procurei o dr. Ruy e falei com ele: “Dr. Ruy, estou pensando em fazer uma reportagem sobre Cuba. Quero saber se o jornal publica caso eu consiga o visto de entrada no país”. Ele disse: “Primeiro, não acredito que eles te deem o visto. Se você disser que trabalha aqui, com a família Mesquita, que eles odeiam, não vão te dar. Segundo que, se derem o visto, não acredito que o censor deixe sair nada sobre Cuba. Agora, se derem o visto e o censor deixar passar, é claro que o jornal publica!”. “Estou liberado para pedir o visto?”. “Está liberado!”. E eu comecei a mandar para a Bélgica, para a França, para não sei onde. Tinha gente que morava na China e eu pedia para encaminhar para a Embaixada de Cuba na China... Picas! Nenhum aceno. Aí eu

saio do JT e vou para a Visão e já até meio que desistira do projeto. Quando, em abril, estourou a *Revolução dos Cravos* em Portugal e caiu o salazarismo, a revista mandou alguém para lá. Acho que foi o Zuenir, que era o chefe da sucursal da Visão no Rio de Janeiro...

J&Cia – *Interessante o Maksoud mandar cobrir a Revolução dos Cravos...*

Fernando – Mas não dava para não cobrir! Portugal! De profundas ligações com o Brasil... Salazarismo, desde 1910, 1920... E até as características da revolução, uma revolução militar, pô! Os milicos de trabuco na mão derrubando o salazarismo. Essa pessoa ficou lá alguns meses, até porque não parava de ter notícia. E isso continuou, porque a revolução levou uns três ou quatro anos para se consolidar. Grupos se digladiando, socialista comendo trotskista... Quando foi em outubro, por aí, a revista precisava trocar o corresponden-



Fernando Morais

te, porque quem lá estava não aguentava mais comer bacalhau de Lisboa... (risos). E eu fui o escolhido. Chego, começo a trabalhar, a mandar texto, e um dia o **Marcito [Márcio] Moreira Alves**, que estava exilado lá naquele tempo (e eu nem sabia), após ter morado também no Chile e na França, me deixou um bilhete na portaria do Hotel Tívoli, na avenida da Liberdade: "Fernando, o embaixador de Cuba em Portugal está querendo falar com você. O telefone dele é tal, tal. Um abraço, Marcito." Cuba tinha acabado de reatar relações com Portugal e eu já nem me lembrava mais da história do visto. Fui até a embaixada e o embaixador disse: "Veio uma ordem de Havana para eu te dar um visto de entrada". Liguei para a revista aqui no Brasil, contei rapidamente a história e pus em negociação duas alternativas: iria por conta dela ou tiraria férias e iria por minha conta mesmo. Não me passou pela cabeça fazer livro. "Queremos sim! Pode ir. Fique o tempo que precisar", disseram.

Bons tempos do Maksoud, aqueles! Quem diria que iríamos ter saudades do Maksoud, né? (risos). Eu fiz uma capa sobre censura na Visão nesse período. Aí fui eu para Cuba...

J&Cia – *Você foi um dos primeiros brasileiros a entrar em Cuba naquela época?*

Fernando – Desarmado, sim. (risos) Para ser preciso, só um brasileiro esteve lá, como jornalista: o **Milton Coelho da Graça**, que foi pela Realidade e publicou a matéria um mês antes do AI-5. Se a matéria tivesse atrasado um mês não sairia, porque a edição seguinte já estava sob censura. Mas ele não entrevistou o Fidel. Matéria legal, não há desapareço, mas matéria rápida.

J&Cia – *E seu deslocamento foi tranquilo?*

Fernando – Era uma dificuldade chegar lá naquela época. Eu estava na Europa e fui para Praga. Vinha um pau-de-arara da Aeroflot que saía de Moscou, pousava em Bratislava, em mais não sei onde,

passageiros eram fotografados. Eu não sei se era o pessoal da inteligência da Espanha ou dos Estados Unidos, mas eu sei que éramos todos fotografados de forma escandalosa, no guichê, na hora da conexão. Não era escondido, com teleobjetiva, não! Tinha ainda que fazer uma escala para abastecimento no meio do mar, nos Açores, em São Miguel dos Açores, para, só então, depois de 30 ou 40 horas de voo, pousar em Havana. Fiquei lá dois, três meses, autorizado pela revista. E aí tem algumas particularidades. O Geisel [Ernesto] estava aqui num tremendo braço-de-ferro com a extrema direita. Quando eu estava para voltar para o Brasil, como não havia comunicação

entre os dois países, precisava ligar de Havana para Washington, e lá acertar os detalhes com o correspondente da revista que, salvo engano, era o **Pimenta Neves [Antonio Marcos]**, que morava em uma casa grande, bonita, parecia um sítio. E criava cavalos... em Washington. Ele sempre gostou de cavalos. Ironia do destino, a tragédia que marcou a vida dele foi num haras, um lugar de cavalos.

J&Cia – *Dez anos já se passaram...*

Fernando – Acho até que, se não fosse amigo dele, teria feito um livro sobre o crime. Aliás, as melhores histórias são as policiais. É o ser humano exposto, com todas as suas as vísceras. Dos dois lados! Enfim... acho que era o Pimenta,



Com Fidel Castro, em 1975

em Praga, fazia uma escala na ainda franquista Madri para só depois atravessar o Atlântico.

J&Cia – *E nesse percurso enfrentou algum sobressalto?*

Fernando – No aeroporto de Madri os

mas não tenho certeza... O fato é que não dava para se comunicar direto com o Brasil e essa pessoa disse o seguinte: "A ordem da revista é para você pegar um avião em Havana, ir para o México e ali se hospedar no hotel tal. Tem uma reserva em seu nome lá. E fique aguardando um telefonema". Fui, me hospedei no tal hotel, dois ou três dias depois liga o Evaldo Dantas e diz: "Pegue um avião para Buenos Aires e logo depois que chegar raspe a barba e o bigode..." – eu tenho barba desde os 16 anos e, desde quando começou a aparecer, por pura preguiça, eu nunca tinha raspado – "... pica o seu passaporte em pedacinhos, joga em qualquer bueiro, vai ao Consulado brasileiro, procura o vice-cônsul fulano de tal, e diz que é turista e foi assaltado. Ah, e faz umas fotos sem barba para a segunda via. Quando ela estiver em suas mãos, me telefona que eu vou te buscar". Fui lá, fiz o passaporte, piquei o velho... E é uma pena, porque eu queria ter guardado como relíquia, em especial as duas páginas, uma com o carimbo "não é válido para Cuba" e a outra com o carimbo

Vinha um pau-de-arara da Aeroflot que saía de Moscou, pousava em Bratislava, pousava não sei onde, pousava em Praga, fazia uma escala em Madri, franquista ainda... Os passageiros eram fotografados. Tinha ainda que fazer uma escala para abastecimento no meio do mar, nos Açores... São Miguel dos Açores... para, só então, depois de 30 ou 40 horas de voo, pousar finalmente em Havana.

Cuba! Eu ia colocar num quadro. Daí Evaldo foi lá me apanhar e explicou que o medo deles era a extrema direita me pegar no aeroporto. Não tinham medo da Federal, mas sim do pessoal ligado às cavernas. E o Maksoud tomou a iniciativa de procurar o Geisel, o Maksoud ou o Evaldo, e quem acabou ficando com o problema na mão foi o secretário particular do Geisel e que depois viria a ser o presidente da Caixa Econômica Federal, o Humberto Esmeraldo Barreto. O Barreto, então muito jovem, era filho adotivo do Geisel, e foi adotado depois que o filho verdadeiro morreu em Osasco, em um acidente ferroviário, época em que Geisel servia em Quitana.

J&Cia – *Como foi montado o esquema?*

Fernando – Como tinha sido fotografado em Madri e essa informação certamente fora passada aos órgãos da repressão no Brasil, minha integridade física corria ris-

co. O Evaldo se propôs a ir lá exatamente por isso: me acompanhar na viagem de regresso, para me dar um mínimo de segurança, e viria separado de mim no avião. Caso eu fosse apanhado na chegada, ele saberia identificar o tipo do carro, quem era a pessoa etc. Teríamos então pelo menos uma testemunha, para evitar que eu virasse um desaparecido.

J&Cia – *E houve algo de anormal na viagem?*

Fernando – Não aconteceu nada. Desce-mos e nada, nada, nada. A barba cresceu de novo... Aí eu sentei e escrevi a matéria, com a proposta de ser publicada como uma série. Dei primeiro para o pessoal da redação ler, adoraram, deram uns pitacos. Rolf leu, Carlinhos leu, Setti, que me ajudou muito, leu Daí segui para o patrão. O Evaldo a entregou ao Maksoud e ele a levou para casa para ler, porque era um tijolo, não sei quantas laudas. Era o livro! Tal como é hoje, datado. Um dia depois o

Maksoud me chama. Eu estranhei, porque não estava habituado a discutir matéria com o patrão. No Jornal da Tarde não tinha essa coisa de o dr. Julinho me chamar, dr. Ruy me chamar. Chamavam por alguma outra razão, mas não para discutir matéria, se estava boa ou ruim. Havia uns três ou quatro degraus entre o repórter e o dono, daí ser incomum aquela atitude. Maksoud me chamou. Ele tinha o diabo no corpo – tinha, não, tem o diabo no corpo –, e me disse: "Muito bem apurado e muito bem escrito. Mas para publicar isso aqui você sabe o que vai ter que fazer? Comprar uma revista, porque na minha não publica!" (risos). "Mas, dr. Maksoud, o que houve?" E ele: "Não!" Eu precisava fazer alguma coisa, salvar a matéria, até porque havia uma razão adicional. A barra política tinha começado a pesar de novo. A temperatura subia... O Vlado ainda estava vivo, Era aquele período em que o Silvio Frota e o Geisel mediam forças para ver quem é



Fernando Morais

que ia degolar o outro. Eu manifestei ao Maksoud o seguinte: “Olha, não é só por vaidade ou princípio profissional, mas por uma questão de segurança mesmo, porque é público que fui para Cuba e ali fiquei por três meses. Se não publico a reportagem, a extrema direita poderá supor que eu fui comprar arma, fazer curso, buscar dinheiro pra guerrilha. Preciso publicar esse texto. O senhor marca, pega uma caneta vermelha e risca o que não gostou e eu mexo. Mudo o que for preciso, dentro dos princípios da decência.” Ele disse: “Não! É o tom, da primeira à última linha. Não dá para riscar.”

J&Cia – Por quê? Ele achava que era uma matéria simpática a Cuba?

Domingo [Alzugaray] disse o seguinte: ‘Tem um major e um capitão do DOI-CODI lá na minha sala e vieram te prender. Eu mandei servir um cafezinho para ter tempo de vir aqui te avisar... Risca o chão, pega as suas coisas, a sua mochila e rapa fora daqui.’

Variedades do Jornal da Tarde e com isso minha familiaridade com a área cultural era grande. Fiquei até ser demitido pelo Muylaert.

J&Cia – E a matéria sobre Cuba?

Fernando – Pois é. Eu estava desesperado por não conseguir publicar a matéria. Cheguei a pensar no Bondinho. Tanto que



Foto: Sônia Mele

Fernando – É... Não disse formalmente para jogar fora, mas deixou claro que não ia sair. Com isso, a minha relação com ele foi azedando e a dele com aquele pessoal vindo do Jornal da Tarde também. Acabou demitindo o Evaldo Dantas, que era o diretor de Redação, e chamou para o lugar o **Roberto Muylaert**, que, na época, trabalhava numa revista técnica da Abril, a Máquinas e Metais, se não me engano. Eu também saí. Foi a única vez na vida que perdi emprego. Deixa eu bater na madeira... *(bate três vezes na mesa)* para que continue sendo a última.

J&Cia – Mas agora você não tem emprego...

Fernando – Mas posso precisar de uma

hora para outra e não quero ser demitido, né? (risos) Saiu o Weis também, uns quatro ou cinco. O Vlado já tinha saído. Ah, eu tinha trabalhado com o Vlado em 1970. Estava no Jornal da Tarde, mas com aquela coisa de censura já não tinha mais tesão de trabalhar apenas em jornal. E fui trabalhar no período da manhã com o **Fernando Pacheco Jordão** na TV Cultura, como chefe de Reportagem. Pegava às 7h a Chefia de Reportagem do *Jornal da Cultura* e ali seguia até a 1h da tarde, quando passava a trolha para o Vlado, que era o chefe de Reportagem da tarde e o fechador do jornal, à noite, junto com o Jordão e o **João Batista de Andrade**. Quando fui para a Visão, em 1974, o Vlado era editor de Cultura da revista. Quando ele saiu para voltar para a TV Cultura, então para assumir a Direção Geral de Jornalismo, na época em que o Mindlin [José] era o secretário de Cultura, me indicou ao Evaldo para ficar no lugar dele na revista. Eu tinha sido editor de

depois dei uma entrevista ao Myltainho e ao Hamiltinho no EX – porque o Bondinho já não existia mais –, que saiu na edição que tem na capa a Bruna Lombardi raspando a barba do Fidel. Aquilo ali, na verdade, era meu *habeas corpus* de fato, para tornar público que havia matéria, não era chute, e que eu estava transformando a matéria em livro. Mas a verdade é que eu não tinha editor algum. Até porque quem é que ia publicar um livro sobre Cuba no meio daquele pau, que comia solto, com o Frota querendo enforçar o Geisel e vice-versa? Seria como cutucar a onça com o dedo. Mas aí o dono de uma pequenina editoria leu o EX...

J&Cia – Era um maluco...

Fernando – Só podia ser maluco. Me liguei e acertamos. Briguei com ele, muito, depois de lançar o livro, mas devo admitir que ele teve a coragem de, no auge da ditadura militar, publicar o livro sobre Cuba. Fez uma tiragem de três mil exemplares, que foi toda vendida no lançamento no Sindicato dos Jornalistas. Os exemplares vinham da Barra Funda, onde era o depósito, numa Kombi e foram algumas

viagens.. A noite de autógrafos começou às 6 ou 7h da noite e às duas da manhã eu ainda estava assinando autógrafo. Havia uma razão: Todo mundo suspeitava – o que acabou não acontecendo – que o livro ia ser proibido. E cada um queria garantir o seu...

J&Cia – Porque mostrava uma Cuba que ninguém conhecia...

Fernando – Isso também. Era um tabu, como a vida na Lua hoje. O que as pessoas comem, como elas vivem, se têm quatro ou cinco pernas (risos). Entre assinar o contrato com a editora e o livro sair, fui trabalhar com **Samuel Wainer, Luís Carta e Domingo Alzugaray** numa editorazinha que eles montaram para lançar um jornal que circulou muito pouco, chamado *Aqui São Paulo*. Era um tabloide e a redação ficava na avenida Paulista, no mesmo lugar em que funcionava a Editora Três. Mas ainda não existia a IstoÉ. Tinha a Planeta, umas revistas de mulher, talvez alguma coisa de culinária... Ah!, tinha a Status, que antecedeu a Playboy. **Mansur [Gilberto]** dirigia a Status. Acho que a Status

era o carro-chefe da editora na época e o segundo lugar era da Planeta, esotérica, dirigida pelo Loyola, o **Ignácio de Loyola [Brandão]**. Eu era redator-chefe do *Aqui São Paulo*. Na verdade, eu era tudo, porque eles foram trazendo gente aos poucos e eu ia fazendo tudo. Fazia matéria, diagramava, montava os bonecos, discutia com o Samuel... Chamei o Petit [Francesc], da DPZ, para desenhar alguns bonecos, fazer uma coisa mais revolucionária e tal. No dia 24 de outubro de 1975, 6ª.feira, cinco da tarde, entram na minha sala o Domingo Alzugaray e o Luiggi, o Luís Carta, e eu sabia que alguma coisa errada estava acontecendo porque o Luis era vermelhão e estava pálido, lívido. Entraram na minha sala e Domingo disse – **Celsinho Cury** estava trabalhando lá, na mesma sala que eu – o seguinte: “Tem um major e um capitão do DOI-CODI lá na minha sala e vieram te prender. Eu mandei servir um cafezi-

nho para ter tempo de vir aqui te avisar. Risca o chão, pega as suas coisas, a sua mochila e rapa fora daqui.” Ah, já tinham prendido o **Markun [Paulo]**, o Konder, o Weis... O Weis, não. O dr. Ruy levou ele e o **Marquito [Marco Antonio Rocha]** até o DOI-CODI para dar uma certa segurança e os dois não foram presos. **Serjão Gomes** estava preso, o filho do Miguel Urbano estava preso, o Rodolfo estava preso, o **Duque Estrada [George]** estava preso... O Markun seguramente estava preso...

J&Cia – E o Vlado?

Fernando – Não, não, Vlado ainda não! Os caras saíram... Eu desci pela escada, para não correr o risco de encontrá-los no saguão, e peguei meu carro na rua Augusta, no estacionamento nos fundos de uma boate gay. Nessa época, era casado com a Bi, a Rúbia, minha primeira mulher, que dava aula na USP. Fui até lá falar com ela. Ah! Antes liguei para

casa e a dona Terezinha, uma baiana que trabalhava conosco e cozinhava muito bem – um legado do **Rabino, o Moisés Rabinovici** – disse: “Olha, vieram aqui dois homens do Exército atrás do senhor. E nem estavam com roupa do Exército não, mas falaram que eram do Exército e estavam procurando pelo senhor. E eu falei que o senhor só chega à noite. Acho que eles vão voltar.” Aí eu peguei a minha mulher e fui direto ao escritório do José Carlos Dias, do Airton Soares e do Iberê Bandeira de Melo, no Bixiga. O Airton era deputado federal. Eles foram unânimes em dizer o seguinte: “Não se entregue, porque não dá nem para denunciar. Congresso fechado no final de semana, os horários de fechamento do jornal no final de semana... Isso vai dar 48 horas de impunidade para eles fazerem o que quiserem com vocês. Escondam-se em algum lugar pouco evidente.” “Como assim?” “Vai para o



Fernando Morais

Guarujá. Se não tiver dinheiro, te arranjamos algum. Vai de preferência para um hotel chique, caro. Segunda-feira você liga e voltamos a conversar". Tá bom. Desci com a minha mulher, e falei para a empregada que ia para Minas Gerais, para visitar o avô da minha mulher e tal. Fomos para o Guarujá, nos hospedamos num hotel e de noite decidimos ir à casa do **Thomaz Farkas**, que era o dono da Fotoptica. Meu vizinho, hoje ele mora aqui ao lado, no mesmo prédio do **Juca Kfour**. Tá velhinho, velhinho... E por quê o Farkas? Porque a então mulher dele, a Melanie, era psicanalista e colega da Bi, que era psicanalista também, essa coisa de Freud, de grupos freudianos. E foi ideia dela visitar a Melanie e o Thomaz. Eu era amigo dele, gostávamos de andar de motocicleta. Ficamos um tempo por lá, tomamos uísque, expliquei por que eu tinha ido e ele falou: "Vocês não preferem dormir aqui?". Eu falei: "Não, já estamos hospedados em um hotel". E

ele: "Então venham para cá amanhã de manhã para irmos à praia juntos". Voltamos, fomos dormir, acordamos e fomos para a casa dele e eu percebi que o clima não estava legal. Achei que era briga doméstica, conjugal... marido e mulher se engalfinhando... chega visita, fica aquele puta clima mal parado. A Melanie pegou a Bi, minha mulher, e a puxou para um canto do escritório. O Farkas me chamou e disse: "Tenho uma péssima notícia pra te dar" "O que é que houve?" "Mataram o Vlado". E eu: "Como assim, mataram o Vlado?" E ele: "Foram à casa dele ontem, depois foram à TV Cultura, ele se dispôs a se apresentar, se apresentou hoje, ficou preso e mataram ele. Enforcaram e tão dizendo que ele se suicidou". Imaginem o meu estado... Mataram o diretor de Jornalismo de uma estação pública, de um governador biônico, nomeado pelo presidente da República! Paulo Egydio era um governador biônico e da confiança do Geisel, nomeado por ele! Pensei: "Tô

fudido, fudido!". Liguei para o Fernando Jordão, para a casa dele em Perdizes e ele, em estado de choque, confirmou: "É verdade. Onde você está? Não! Nem me diga onde você está, porque o telefone pode estar grampeado e aí vão ficar sabendo. Se precisar de alguma coisa, estaremos todos lá no Sindicato. Está todo mundo indo pra lá". Liguei para o



Com Daniel Ortega, na Nicarágua

Sindicato, falei com o **Audálio [Dantas]**. E foi um desespero, um desespero! Decidi que não ia ficar no Guarujá. Não aguentava ficar por lá sem saber o que estava acontecendo aqui com os meus amigos, com as pessoas! Pô, eu não tinha posto bomba em lugar nenhum, não tinha dado tiro em ninguém, não tinha roubado banco...

J&Cia – Não freqüentava o Partidão?

Fernando – Tinha um pé no Partidão, tinha um pezinho na cozinha, mas nunca fui militante. Tinha uma relação próxima antes, que se solidificou um pouco na Visão, porque todos lá, quase sem exceção, eram do partido. Resolvi que não ia ficar e disse a minha mulher: "Você fica aqui, com a Melanie e o Thomaz, pra

não se submeter a isso, e eu vou para São Paulo, ao Sindicato". E aí no caminho fiquei pensando: "Como é que eu vou para o Sindicato? Vão me pegar na porta". Mesmo problema na minha casa... fui com a cara mais limpa do mundo.

J&Cia – Os patrões de certo modo salvaram sua vida...

Fernando – O Domingo e o Luis Carta eram estrangeiros, o Luis eu não sei se já era brasileiro, mas o Domingo era argentino e não podia nem ser dono de revista no Brasil. Ou seja, com um peleteco o Exército poderia colocá-lo pra correr. E ele e o Luiggi tiveram a coragem de ir lá, arriscar a pele deles e dizer pra mim: "Puxa o carro que os caras querem te prender". Sabe? Patrão? Patrão quer

que... pô! Em geral pensam: "Esse cara é um estorvo aqui! Esse cara vai fazer os milicos me obrigarem a vender minhas revistas e voltar para Buenos Aires, sei lá!". Não! Eles foram lá e disseram: "Cai fora!". Aí fui para a casa do meu cunhado, o Jacob, já falecido, casado com minha irmã Marília, que hoje é minha assistente. Eles moravam em Moema no mesmo prédio do Carlinhos Brickmann, meu amigo desde que vim de Minas, no Jornal da Tarde, e depois na Visão. Não pensa como eu, conservador, não sei o quê, de direita e tal, mas um cara da maior integridade. Fomos para a casa do Carlinhos, ele chamou alguns amigos, o Setti, o **Márcio Valente**, o **Wilson Moherdau**, que eu me lembro, e mais o meu cunhado Jacob. Você vê... tem coisas... (**N. da R.**: visivelmente emocionado) Primeiro, um deputado federal, chamado Santilli Sobrinho, que não era comunista, mas sim um progressista, quase um "autêntico", se dispôs a me levar para Brasília. Eu não tinha nenhuma relação com ele! Zero! Ele soube do meu caso pelo Air-

“Imaginem o meu estado... Mataram o diretor de Jornalismo de uma estação pública [Vladimir Herzog], de um governador biônico, nomeado pelo presidente da República! Paulo Egydio era um governador biônico e da confiança do Geisel, nomeado por ele! Pensei: 'Tô fudido, fudido!'”

ton, por não sei quem, e se dispôs a me levar para Brasília num carro oficial e lá colocar, a mim e a minha mulher, em uma embaixada, para pedir asilo. O Carlinhos Brickmann, não sei como – não perguntei e jamais perguntarei –, no final do dia apareceu com dois passaportes israelenses, um no meu nome e outro no nome da minha mulher, já com nossas fotos e duas passagens da Alitalia São Paulo/Roma/Jerusalém ou São Paulo/Roma/Tel Aviv, para embarcar naquela noite. E aí, como essa era uma decisão drástica, que ia mexer com o nosso destino, achei que deveria deliberar com a minha mulher e

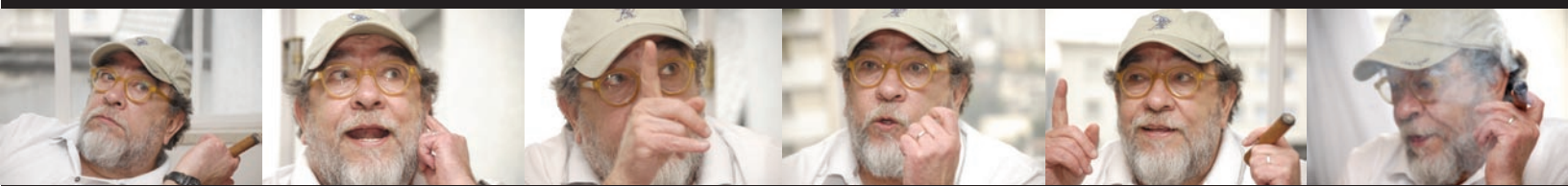
pedi a uma pessoa para ir até o Guarujá buscá-la.

J&Cia – Que loucura...

Fernando – Nos trancamos na casa da Marília, minha irmã, eu e a Bi, e eu disse a ela: "Não sabemos quanto tempo essa merda de regime vai durar". Porque poderia durar 50 anos, porra! O salazarismo durou 80, sei lá... Getúlio ficou 30 anos! "Não sabemos até quando vai essa merda e eu não estou a fim de passar a minha vida no exílio por um crime que não cometi! Eu não vou embora!". Ela concordou, agradecemos muito às pessoas que nos tinham ajuda-

do, pegamos o meu Chevetinho caindo aos pedaços e fomos para o sul de Minas, para uma cidadezinha chamada Guaraniésia, onde morava, na zona rural, o avô dela, o coronel Roque de Lorenzo. Coronel entre aspas, como o Antonio Carlos Magalhães era coronel. Todas as noites, às quinze para as oito, eu pegava o carro e ia até o salão de sinuca da cidade para ver o Jornal Nacional, porque na zona rural não pegava televisão. Para ver o *Jornal Nacional* e saber o que estava acontecendo aqui no Brasil (risos). Teve a missa... Ah não! Primeiro teve o enterro. No enterro, como vocês devem

Fotos: Sônia Mele





Fernando Morais

lembrar, o DOI-CODI permitiu que os amigos do Vlado que estavam presos saíssem escoltados para ir ao cemitério do Butantã. E lá estavam também dois políticos: Alberto Goldman e Orestes Quércia, que era senador. O Markun e o Konder, a pretexto de abraçar os dois e ficar longe da escolta, cochicharam no ouvido deles: "Se vocês encontrarem o Fernando Morais avisem que eles estão querendo saber de Cuba". O livro não tinha sido publicado ainda... O que ele foi fazer em Cuba... E o Markun, inclusive,

no *habeas data* dele, que me deu de presente, mostra o pau que levou por isso! "O que o Fernando Morais foi fazer em Cuba? Foi pegar arma, dinheiro, fazer curso?" "Não, foi fazer reportagem!" "Que reportagem, o cacete! O que ele foi fazer em Cuba?" Pau, pau... O Quércia vai ao Sindicato e conta para o Audálio: "O Konder e o Markun disseram que o crime do Fernando é a viagem a Cuba... não sei como vocês podem negociar isso". O Audálio procurou o Carlinhos Wagner, meu irmão, e disse: "Ó,

o problema é esse!". Meu pai morava numa fazendinha em Jarinu e o meu irmão e o meu cunhado, marido da Marília, resolveram ir até ele contar o que estava acontecendo comigo. Temiam que ele, já com 80 anos, pudesse ver alguma coisa sobre mim na televisão e enfartasse. E contaram... É uma coisa muito engraçada, bem o retrato do meu pai. A casa da fazenda ficava num morrinho e tinha uma escadinha de onde dava para ver o carro subindo desde lá de baixo. Já na subida viram meu pai lá em cima, de braços cruzados, com aquela cara patibular dele.

J&Cia – Cara patibular é boa... (risos)

Fernando – Na hora em que chegaram, antes que dissessem qualquer coisa, ele perguntou: "O que aquele mentecapto fez dessa vez?" (risos). Eu com o cu na mão – com o perdão da expressão –, perdido no meio do mato... Pô, eu não tava roubando galinha, vendendo cocaína na porta de escola infantil! Por pior que

[Ruy Mesquita]: 'Avisa pro Fernando que, se ele precisar, a gente diz que ele continua trabalhando aqui'. É interessante isso, porque hoje tem tanta gente por aí, valente, mijando em leão morto... 'Eu fiz e aconteceu!'. Gente que tá aí recebendo indenizações... O Ruy Mesquita! Não é o Apolônio de Carvalho! Ruy Mesquita, filho do dr. Julinho, neto do dr. Julio... irmão do Julio Neto... se dispôs a levar um comuna, entre aspas, para salvar a minha pele? São essas poucas coisas boas que acabam emergindo dessas situações dramáticas...

fosse, eu estava do lado do bem...E a primeira pergunta que ele faz: "O que foi que aquele mentecapto fez dessa vez?"

J&Cia – Essa relação conflituosa foi assim até o final de vida dele ou em algum momento vocês se aproximaram?

Fernando – No fim da vida ficamos amigos. E ele se apaixonou pela internet,

que ainda engatinhava. Quando morreu consegui que um nerd recuperasse uma longa troca de e-mails entre nós. Destaco um deles, particularmente, sobre uma boa grana que ganhara, acho que na primeira vendagem do *Chatô*. Mande-i a ele um e-mail e contei que estava louco para comprar um Porsche. Temia guardar dinheiro no banco e não usufruir dele – e se eu morresse de uma hora para a outra? Ele, que gostava muito de carros e de mulheres, respondeu: "Sim, meu filho, seria muito chato se você morresse jovem, com uma gorda conta bancária e sem nunca ter podido andar de Porsche. Mas você pode não morrer tão cedo e não deve se esquecer que as moças gostam muito de velhinhos endinheirados".

J&Cia – E o que ele falava de sua vida de escritor, seus livros?

Fernando – Acho que, quase sem exceção, ele previu um rotundo fracasso de vendas para meus livros. Quando disse a ele que ia escrever a biografia da Olga ele respondeu: "Que besteira! Você acha que alguém vai se interessar pela história

da mulher do Luís Carlos Prestes?" Bom, aí veio o enterro, a missa, aquela puta mobilização. A temperatura voltou a baixar e o meu nome havia sido retirado da captura. Até então o Ednardo [D'Ávila Melo, general, comandante do II Exército] ainda não tinha sido demitido pelo Geisel, o que só aconteceria em dezembro, quando matam o Fiel [Manoel Fiel Filho].

J&Cia – E como você soube que estava menos encrencado?

Fernando – Pelo Audálio, mas foi o Airton Soares que avisou. O Airton era amigo de um sujeito, um meirinho, um oficial de Justiça, da Justiça Militar, que ia ao DOI-CODI todo dia. Um cara de direita, mas com quem o Airton, que foi advogado de dezenas de presos políticos, procurou manter algum tipo de relação. Ele havia pedido a esse cara para avisá-lo quando o meu nome saísse da captura. Captura era uma folha de papel que tinha na entrada do DOI-CODI. Os caras chegavam pra trabalhar de manhã e a primeira coisa que faziam era olhar a captura: "Quem é que temos que pegar hoje? Não pegaram o Fernando? Temos

que pegar esse cara! Vamos de novo... Um dia o Airton vai ao Sindicato – e eu escondido em Guaraniésia...

J&Cia – Quem sabia que você estava em Guaraniésia?

Fernando – Só o Audálio. Ah! E tem mais uma coisa interessante! O dr. Ruy Mesquita, com quem eu já não trabalhava havia quase dois anos, procura o Audálio Dantas e diz o seguinte: "Avisa o Fernando Morais que, se ele quiser se apresentar, eu vou ao DOI CODI com ele e assisto ao depoimento, como fiz com o Marco Antonio Rocha". Gente, eu não tinha mais nada a ver com o jornal e ele: "Avisa pro Fernando que, se precisar, nós diremos que ele continua trabalhando aqui". É interessante isso, porque hoje tem tanta gente por aí, valente, mijando em leão morto... "Eu fiz e aconteceu!". Gente que tá aí recebendo indenizações... Eu estou falando do Ruy Mesquita! Não era o Apolônio de Carvalho!

Ruy Mesquita, filho do dr. Julinho, neto do dr. Julio, irmão do Julio Neto... (**N. da R.**: de novo visivelmente emocionado) se dispôs a levar um comuna, entre aspas, para salvar a minha pele! São essas poucas coisas boas que acabam emergindo dessas situações dramáticas... Voltando, o Airton então avisou o Audálio, um belo dia, que o meu nome tinha saído da captura e o Audálio se comunicou com alguém, que me avisou. E aí eu voltei. Fiquei uma semana sem dormir em casa. Dormia uma noite na casa de um, outra na casa de outro... Dormi até numa garçonière de um amigo lá perto da Escola de Sociologia e Política. E um negócio que até hoje eu não descobri é que, embora ele não usasse óculos, tinha um galão daquele líquido para grudar lente de contato. Era com certeza para alguma sacanagem. Devia ter algum sabor especial, porque ele usava aquele apartamento para abater *frangas*! (risos)

E tinha um galão daquele troço! Tinha alguma coisa naquilo, o bisavô do Viagra, provavelmente, em estado líquido... (risos). Voltei e aí, sim, publiquei o livro.

J&Cia – Aí você sentiu que já havia retornado a segurança...

Fernando – Sim! É mais uma coisa: um mês depois matam o Fiel, e o Geisel enfiou o pé na quitanda.

J&Cia – Nesse momento você já havia negociado com a editora?

Fernando – Já, mas o livro ainda não tinha sido publicado. O livro sai depois que o Fiel é assassinado. O Vlado em outubro, o Fiel em dezembro e o livro sai nos primeiros dias de 1976. Como vendeu bem, começou a dar um certo dinheiro, um dinheiro que àquela altura caiu do céu, porque eu estava desempregado. O Samuel Wainer tinha desistido do projeto do Aqui São Paulo e eu acabei sendo chamado para a Veja. Fui trabalhar com o **Almyr Gajardoni**, que era editor de Brasil/



Primeiro comício - Piracicaba, 1978

Arquivo Fernando Morais



Fernando Morais

Política. Éramos em quatro subeditores: **Augusto Nunes**, **Jorge Escosteguy**, um terceiro que não me recordo e eu.

J&Cia – *O Mino ainda estava lá?*

Fernando – Foi na virada. O Mino estava saindo e o **Guzzo [José Roberto]** assumindo. Aliás, na verdade eram dois, Guzzo e **Sérgio Pompeu** eram codiretores de Redação. Depois ficou o Guzzo como diretor e o Sérgio seu adjunto. O redator-chefe, se não me engano, era o **Gaspari [Elio]**. E tinha também **Emílio Matsumoto**, na Economia, **Paulo Totti**, na Chefia de Reportagem, **Dorrit Harazim**, na Internacional, o Ricardo Setti com ela, e como *copydesk* o **Renatão Pompeu**. Puta merda! Um dos melhores textos deste País, *copy* da Cultura. Tinha também o **Dias Lopes**, editor de Religião, que escrevia sobre o papa e as coisas do Vaticano. Era o nosso vaticanólogo...

J&Cia – De tanto falar em pão e vinho, acabou migrando para a Gastronomia...

Fernando – Virou sociólogo de abobri-

nhas! (risos). José Antônio de Vargas Dias Lopes. O J.A. de Vargas Dias Lopes. Tem uma história engraçadíssima sobre ele, a quem considero uma espécie de precursor dessa coisa de consciência verde. Ele nasceu em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, cidadezinha na fronteira do Brasil com o Uruguai. No fundo da casa dos pais dele corria um córrego de águas cristalinas, o Camaquã, e, por causa disso, por ter esse benefício, ele achava que não podia usar cuecas lavadas nas águas poluídas aqui de São Paulo. Uma vez por semana fazia um pacotinho, uma caixinha (risos), mandava para a sucursal da Veja em Porto Alegre, vinha alguém da cidade dele, pegava a caixinha (mais risos), levava as cuecas, a mãe lavava nas águas cristalinas do Camaquã, poluía o ribeirão com as cuecas do filho, quarava ao sol com anil (muitos risos), passava aquilo maternalmente, colocava de novo na caixinha e enviava para ele de volta.

J&Cia – *Voltando à Veja...*

Fernando – Sim, a revista acabou me permitindo dar continuidade à questão de Cuba, pois foi naquele período que vim a entrevistar Fidel Castro. Acontece que quando fiz o livro não consegui entrevistá-lo. Até falei com ele, mas sem o entrevistar. Na véspera de embarcar de volta para o Brasil, ele foi à casa do vice-presidente, que estava me dando uma entrevista, e disse: “É cedo para eu falar com um jornalista brasileiro. As relações do Brasil com Cuba ainda são muito ásperas. Mas eu assumo um compromisso com você: quando eu julgar que há clima, mando te chamar. Não tem perigo de nenhum outro jornalista te furar. Você teve paciência, está esperando aqui há três meses...” Aí estou eu lá na Veja, em 1977, e chega um telex, o antigo telex, de alguma embaixada cubana, para a Veja, me convidando para assistir ao desfile de 1º de Maio em Cuba. Pensei: deve ser a senha. Perguntei ao Guzzo e ele sem consultar ninguém me

autorizou e fui para lá. Aí há um choque com a versão do livro *Notícias do Planalto*, do **Mario Sérgio Conti**. Não é verdade que o Guzzo levou muito tempo para convencer o **Roberto Civita** de que eu poderia ir até Cuba fazer uma reportagem com o Fidel Castro. Diz ele no livro que o Guzzo estava precisando se viabilizar com um cara de esquerda, progressista, perante a redação, porque o Mino tinha saído escorraçado pela ditadura militar e o Guzzo precisava mostrar que não era um cara de direita. E que a proposta da minha entrevista com o Fidel caía como uma luva nos “baixos interesses” do Guzzo. Mas não é verdade! Há várias testemunhas: **Carmo Chagas** e Totti estão entre elas. Guzzo não consultou ninguém. Eu mostrei o telex a ele e falei: “Acho que isso é para uma entrevista com o Fidel Castro. Você

acha que vale a pena?”. Ele falou: “Toca o pau!”. Dois, três dias depois eu estava em Havana. Fiz a capa com o Fidel e aí a política começou a me picar. Desde 1974 eu era militante do MDB...

J&Cia – *Você militou no Sindicato dos Jornalistas?*

Fernando – Sim, na derrubada do grupo do **Campagnoli [Adriano]**, quando o Audálio se elegeu presidente. Eu participei daquela campanha. E me aproximei ainda mais por causa do episódio do Vlado.

J&Cia – *Participou da diretoria?*

Fernando – Sim. Na eleição seguinte fui eleito vice-presidente, com o **David [de Moraes]**. As coisas ainda não tinham sido batizadas com esses nomes, mas no fundo era uma composição daquilo que ia ser anos depois MDB e PT. Eu estava ali meio que representando e atraindo o pessoal

do Audálio, do MDBezão, e o David, o PT. Tanto que anos depois o David acabou de fato indo para o PT. Mas naquela época só tinha MDB e Arena e eu já era filiado ao MDB. Fiz muita cobertura política, ganhei dois prêmios Abril junto com o Augusto Nunes por cobertura política. Em 1978, um grupo de amigos jornalistas disse o seguinte: “O Audálio vai sair candidato a deputado federal. Por que você não sai para estadual e faz uma dobradinha da categoria, do pessoal que ‘bate nas pretinhas’ [máquina de escrever]?”. Pensei: “Voto, eu??!! Não consigo me eleger nem síndico do meu prédio...” (risos). Deputado estadual precisava de 15 ou 20 mil votos para se eleger no MDB. E outra coisa: eu não tinha dinheiro! Teria que fazer uma campanha eleitoral sem dinheiro, não tinha nada! Resolvi aceitar e vendi minha motocicleta, uma Honda 750, mais umas porcariadas, uns bagulhos, e fiz um pequeno caixa. Fui para a campanha e acabei sendo o quinto ou sexto deputado mais votado.

J&Cia – *O que foi mais decisivo para que você entrasse?*

Guzzo [José Roberto] não consultou ninguém. Eu mostrei o telex a ele e falei: “Acho que isso é para uma entrevista com o Fidel Castro. Você acha que vale a pena?”. Ele falou: “Toca o pau!”. Dois, três dias depois eu estava em Havana.

Fernando – Não sei, mas acho que a minha dobradinha com o Audálio foi um achado para os dois, porque eu era mais novo do que ele. Hoje a diferença de idade não é tão importante, porque estamos ficando os dois velhinhos, mas 20 anos de diferença naquela época – eu tinha 30

e o Audálio 50 – era significativa. Juntos, um mais jovem, outro mais velho, nos entupimos de votos!

J&Cia – *O Audálio diz que está com 78...*

Fernando – Há controvérsias...

J&Cia – *É confirmado por ele...*

Fernando – Por isso mesmo é que há controvérsias! (risos)

J&Cia – *Ele diz que o pai o registrou com três anos a mais para ele ir para a Marinha e ele não foi. No registro, tem 81...*

Fernando – Isso... Outro dia ele e a Vanira, sua mulher, almoçaram aqui comigo e estávamos conversando sobre isso e eu defendendo que essa história de Marinha é mentira! Que ele tem 81 mesmo! Que esse papo do pai mudar a data é mentira! (risos)

J&Cia – *E o seu grande slogan foi “O escritor da Ilha”, não é?*

Fernando – Ah! É! Ainda tinha isso! A editora fez uma edição de bolso da *Ilha*... deve ter ainda algum exemplar perdido por aí. Fez 70 mil exemplares e dentro de cada exemplar pôs um santinho: Audálio, federal, Fernando Morais, estadual. (risos). Nos entupimos de votos! Primeiro mandato de deputado foi simpático, muito ativo, ditadura ainda...

Arquivo Fernando Morais



Cuba, 1987 - a lado de frei Betto (esq.) - Gabriel Garcia Márquez é o 3º à direita



Fernando Morais

Maluf governador biônico, Maluf querendo mudar a capital, Maluf montando a Eletropaulo, querendo puxar petróleo... querendo montar aeroporto em Caucaia, não sei o quê...

J&Cia – Foi nesse período que você se aproximou de Lula?

Fernando – Ah, sim, começam a pipocar no País muitas greves, entre elas a dos aeronautas e depois a dos metalúrgicos do ABC, quando eu me aproximei do Lula. O Markun conta no livro *O sapo e o príncipe* – uma história que o próprio Lula contou para ele – que na noite da prisão, da decretação da intervenção, estávamos lá na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo, o Geraldinho Siqueira, que era deputado estadual como eu (depois foi para o PT e agora está no Governo Federal, na área ambiental), o Fernando Henrique Cardoso, que era suplente do Franco Montoro, e eu. Ficamos ali com o Lula, na sala do Sindicato, para dar segurança

a ele. Estava todo mundo com medo do que pudesse acontecer. Só saímos para jantar naquela avenida que tem frango com polenta, a Demarchi. Lembro que levávamos na mão uma garrafa de cachaça com cambuci, aquele figo que dá lá em São Bernardo. Eles têm mania de colocar o figo que nem se faz com pera – o poire – e o figo crescia lá dentro da garrafa. Em Goiás se faz com pequi... E o Lula com aquela garrafinha de cachaça com cambuci. Depois do frango com polenta, o Fernando Henrique fez uma avaliação da conjuntura política e disse ao Lula: “Olha, não tem perigo de haver intervenção agora porque tal força dentro do governo está se opondo a tal força e você pode ficar tranquilo porque não vai acontecer nada”. Pegou o carro e regressou a São Paulo. Desconfiado, o Lula falou comigo – isso eu li no Markun, como falei, porque nem me lembrava mais: “Olha, o Fernando Henrique que me desculpe, a avaliação da conjuntura política dele está



muito boa, mas meu instinto diz que a vaca vai pro brejo. Então, eu quero pedir a vocês para ficarem mais uma noite aqui”. Nós já havíamos passado uma ou duas noites lá com ele... “Tudo bem, não tem problema”. Peguei, liguei para casa, avisei a minha mulher...

J&Cia – A investidura parlamentar ajudava alguma coisa?

Fernando – Bem, eu estava lá de gravata, todo engomadinho, com carro oficial, para, se fosse o caso, peitar a polícia, se ela aparecesse. Ficamos conversando, jogando baralho, Djalma Bom, Alemão, Lula... Quando era mais ou menos uma hora da manhã ouvimos um barulho: pa pa pa pa... Era o helicóptero da Polícia Militar sobrevoando o pequeno prédio de uns cinco ou seis andares, todo envendado. E os caras jogando o holofote no andar em que estávamos. Um funcionário do Ministério do Trabalho veio com a intervenção assinada pelo Murilo Macedo, e um oficial de Justiça, com um mandado de prisão contra o Lula. Ele

e os outros foram presos e o Sindicato ficou sob intervenção. Pouco tempo depois o Luiz Eduardo Greenhalgh me chamou para dizer que o Tuma queria falar comigo no DOPS, mas que fosse sem o carro oficial, para não chamar a atenção. Cheguei lá e ele falou: “Olha, a comida aqui é uma merda, de xadrez. Como eu sei que você é amigo desse pessoal, se quiser vir à noite, na moita, trazer umas frutas, uma comidinha legal para eles, na boa! Desde que não conte isso a ninguém e que não venha de carro oficial, se não vai me prejudicar.” Eu ia, dia sim, dia não, levar comida. E quando a mãe do Lula morreu, o Luiz Eduardo disse que o Tuma ia deixar ele sair para ir ao velório da mãe. E cumpriu a palavra.

J&Cia – Você não havia tido um episódio anterior com o Tuma, quando ainda não era deputado?

Fernando – Vejam como são as coisas... O dr. Tuma me prendeu em 1978. Depois de eu ter feito a capa da *Veja* com o Fidel, voltei a Cuba, em fevereiro de 78, para fazer parte do júri do prêmio literário *Casa das Américas*. Éramos Chico Buarque, Antonio Calado e eu, os primeiros brasileiros a participar do júri. O Chico ia julgar poesia, o Calado romance e eu testemunho, que aqui chamamos de livro-reportagem e lá eles chamam de testemunho. E cada um foi com a respectiva esposa. O Chico com a Marieta, o Calado com a Ana e eu com a Bi. Passamos três semanas lendo muito e saímos de lá separadamente. O Chico e o Calado foram, com as respectivas mulheres, para a Jamaica e de lá para Nova York. E eu, se não me engano, fui para o México. Na volta ao Brasil, desci em Congonhas. Não existia ainda Cumbica. E por um desses acasos, sem qualquer combinação, eu, Chico e Calado

Quando me viu descer, [Luizinho Coruja] ligou para o Audálio [Dantas], e disse a ele: ‘O Tuma [Romeu] prendeu o Fernando Morais e uma moça que desceu do avião junto com ele’. O Audálio juntou um bando de repórteres e foram para a porta do DOPS. Quando chegamos já estava lá aquele monte de gente e o Audálio acenando da rua.

voltamos ao Brasil no mesmo dia, eu para São Paulo e eles, Rio de Janeiro. Quando o avião pousou e abriu a porta, entrou um sujeito de paletó e gravata e falou alguma coisa ali na cabine. Veio então uma comissária e chamou pelo microfone: “Por favor, passageiros Fernando Morais e Rúbia de Lorenzo Morais queiram se apresentar ao comissário na cabine de comando”. Eu olhei pela janela, vi uma Veraneio estacionada e em pé, ao lado dela, o dr. Tuma. Ele era diretor do DOPS. Falei para a Bi: “Olha,

aí tem!”. Chegamos à cabine e o sujeito, após se apresentar como policial, disse que estávamos presos e que alguém ia retirar nossas bagagens. A aeromoça, coitada, apavorada...

J&Cia – De Congonhas diretamente para o xilindró...

Fernando – Mas tivemos uma sorte danada. Naquele tempo era comum ter setorista no aeroporto, porque sempre rendia boas pautas. E estava por lá o **Luizinho Coruja**, lembrem-se dele, moreninho? Não sei onde anda... Bem,

o Coruja tinha visto o Tuma circulando lá dentro, sair pela porta, pegar a Veraneio e parar perto do avião. Pensou: “Estão prendendo alguém”. Quando me viu descer, imediatamente ligou para o Audálio e disse: “O Tuma prendeu o Fernando Morais e uma moça que desceu do avião junto com ele”. O Audálio nem era mais presidente do Sindicato (nem eu era diretor), mas mesmo assim juntou um bando de repórteres e foram para a porta do DOPS nos esperar. Quando chegamos já estava lá aquele monte de gente e





Fernando Morais

o Audálio acenando da rua. Penso que aquilo de certo modo deu uma intimidada no Tuma. Não tocaram em nós. Quando uma policial quis revistar a minha mulher no banheiro eu falei: "Nem fodendo a minha mulher vai tirar a roupa na frente de policial!"

J&Cia – *E a bagagem, alguma complicação maior?*

Fernando – Eu tinha gravado numa minifita um show que o Chico fez, na moita, para os exilados em Cuba... Zé Dirceu, esse povo todo... E nela havia várias músicas inéditas que ele só viria a gravar meses depois. Uma das que lembro é (cantarola) "Terezinha de Jesus... na na na na na na naaaaa..."; uma paródia romântica da cantiga de roda Terezinha de Jesus. Eu estava com a tal fitinha no bolsinho de moedas da minha calça. Na hora em que a bagagem subiu e eles começaram a fuçar, me lembrei dela. Apreendem uma caixa de charutos, as anotações que a minha mulher tinha feito de entrevistas

com médicos e visitas a hospitais psiquiátricos, para o trabalho dela, três discos de poesias (discão de vinil, grandão) do Nicolás Guillén que ele tinha autografado para mim... Pensei: "Não posso comprometer o Chico." E eu sequer sabia que o Chico, naquele momento, estava também sendo preso no Rio, pelo Cenimar, junto com o Calado. E com uma particularidade: quando eles embarcaram em Nova York para o Brasil, um músico amigo deles precisava mandar para a mãe um bebezinho e pediram ao Chico e à Marieta (Severo, ex-mulher de Chico) para que fossem os portadores da "encomenda". Ao descerem no Rio, tanto eles quanto o bebê foram presos. E o fato de serem dois caras superconhecidos, mais a particularidade de terem sido presos com um bebê de colo, despertou o interesse da imprensa internacional. O New York Times ao cobrir o assunto soube também da minha prisão aqui em São Paulo e isso também foi um fator a nosso favor. Mas voltando, eu não

queria comprometer o Chico por causa de um show feito pra banguê-banguê em Havana. Tínhamos ficado na sala do Tuma e pedi ao tira que estava nos vigiando licença para ir ao banheiro, e ali tirei a fita, que era fininha, e, sem pestanejar, a engoli.

J&Cia – *Nem pensou em indigestão? (risos)*

Fernando – Que nada, era engolir ou engolir. Ou, como disse a **Clarice Herzog** agora recentemente, quando fomos participar de um debate justamente no antigo prédio do DOPS, no lançamento da obra do **Elifas Andreato**: "Também corria o risco de você sair do banheiro cantando igual ao Chico Buarque, não é?" (risos). Fomos presos de manhã cedo e soltos à noite. Passou o tempo, eu viro deputado e o Tuma continua diretor do DOPS. E o Tuma foi sempre muito respeitoso com essa coisa de autoridade. A partir do momento em que fui eleito deputado, virei dr. Fernando. Ele ia muito

à Assembleia, tratar de coisas, projetos de lei de interesse da polícia, o mesmo jeito que tem até hoje.

J&Cia – *E aí você se reeleger?*

Fernando – O primeiro mandato de deputado foi muito ativo. Me reelegi, já com eleição direta, quando Montoro foi eleito governador. Aí o quê aconteceu? O deputado acabou virando uma espécie de despachante de luxo dos prefeitos que ajudaram na campanha e deram votos. Como não atendê-los? Era cara de esquerda, progressista e tal... O prefeito de Penápolis, por exemplo, João Delia. Médico, jovem, mais novo do que eu... Um cara que só andava de chinelo, sem meia, uma barbona bíblica batendo na barriga, um tremendo médico que se elegeu contra as oligarquias de Penápolis e me deu não sei quantos mil votos. Ele se elege, eu me elejo. Ele precisa de uma escola pública, quem vai arrumar isso para ele? O deputado da cidade! Precisa de uma delegacia de polícia? Da transferência de uma professora? E isso se multiplicava. Como eu tinha votos em tudo o que era canto do

estado, pois não tinha uma base, dá para imaginar como ficou minha vida parlamentar. Se formos olhar os arquivos do TRE, a minha votação era quase meio a

meio, 50% na capital e 50% pulverizada por todo o estado. Se isso por um lado é bom, porque se alguém te trai você perde menos, por outro lado te obriga a

Foto: Sônia Mele



atender o estado inteiro! E eu não tinha estrutura! E, aqui entre nós, não tinha saco também. Ficar levando prefeito para ficar tomando chá de cadeira em antesala de secretário...

J&Cia – *Não era isso o que você queria da vida...*

Fernando – Não era isso. Nada contra! Não acho que isso diminua a carreira de uma pessoa, mas não é a minha praia. Em 1986, ia ter Constituinte e eu falei: "Vou sair para federal. Quero ser constituinte!" Para quê? Para mexer na nossa praia, mexer no controle da mídia eletrônica. De papel não, porque capitalismo, dinheiro do dr. Julinho, dinheiro do Otavi-

nho... cada um sabe o que faz com o seu jornal. Mas rádio e televisão, não! Isso é propriedade social e o sujeito não pode usar ao seu bel prazer. Eu sou a última pessoa no planeta a defender censura, mas precisa ser como em todos os lugares do mundo, ter regras! A concessão é por tempo determinado, renovável ou não. Eu defendia, por exemplo, o modelo norte-americano: quem tem televisão não pode ter jornal; quem tem jornal não pode ter rádio.

J&Cia – *A propriedade cruzada...*

Fernando – Para ter direito a televisão nacional tem que dar percentual de produção local para não desvirtuar a cultura

do país. Você não pode vender para o Amazonas ou para o Rio Grande do Sul um padrão cultural de vida de Ipanema, ou dos Jardins. Eu, que não sou amoral, mas seguramente não sou moralista, fico vendo as cenas de sexo que aparecem nas novelas e penso na cidadezinha em que eu nasci, em Mariana, no sujeito que está perdido lá no fundo da Amazônia, num casal de velhinhos... Impor valores culturais num país com a diversidade do Brasil, com essa riqueza, não faz sentido. São quase dois vocabulários, coisas muito distintas. No Rio Grande do Sul, criança é piá e no Amazonas, é fona. Você vai impor um padrão cultural? Pode impor com a revista Veja, com a IstoÉ, porque é dinheiro do Civita, do Domingo, mas não com algo que é propriedade de todos! Pensei: "Tá de colher! Vou para a Constituinte com a bandeira da democratização dos meios eletrônicos de comunicação." Mas não consegui me eleger. Deus não

“Isso [rádio e televisão] é propriedade social e o sujeito não pode usar ao seu bel prazer. Eu sou a última pessoa no planeta a defender censura, mas precisa ser como em todos os lugares do mundo, ter regras!”



Campanha de Fernando Henrique Cardoso à Prefeitura de São Paulo, 1985

Fernando Morais

existe, mas escreve certo por linhas tortas... (risos) porque no meu caso foi bom. Não é que eu esteja fazendo o jogo da raposa, que disse que as uvas estavam verdes. Não, eu gostaria de ter sido eleito e acho que poderia ter dado uma contribuição, ainda que modesta, para essa discussão. Mas, para mim, para a minha carreira, foi o melhor que poderia ter acontecido. Porque eu pude voltar para os meus livrinhos.

J&Cia – *É aí entra Olga em sua vida?*

Fernando – É aí que eu vou fazer *Olga*, que começo a pensar no *Chatô*... Mas tive algumas recaídas. Para falar a verdade, tive três recaídas. Primeira: fui secretário de Cultura do Quércio. Cultura, pô... Secretário de Saúde, Segurança, eu não toparia, mas Cultura... Era a minha praia, a minha tribo! Topei, foi legal, fizemos coisas interessantes... Memorial da América Latina... Como rompi relações com o Quércio, posso falar disso sem parecer bajulação: o Quércio é um sujeito

que tem uma enorme sensibilidade para os anseios das pessoas mais pobres. Por exemplo, oficina cultural. Ele disse que queria montar algo para ensinar as crianças pobres a tocar violino, violão e tal. Eu sabia que já havia uma coisa parecida, feita pelo Jorge Cunha Lima, que foi secretário de Cultura do Montoro. Ele já era tucano, pois àquela altura as tribos já estavam vivendo em “bairros” diferentes. O projeto chamava-se Oficina Três Rios e eu levei o Quércio até lá para conhecer e falei: “Se você achar legal e conseguir o dinheiro, fazemos quantas quiser, mas só em bairro pobre”. Fizemos uma visita de surpresa, durante o funcionamento da oficina, que depois passou a se chamar Oswald de Andrade, pois não tinha sentido continuar chamando Três Rios só porque ficava na rua Três Rios. Perguntei: “O que você achou?” “Pô, maravilhoso!” “Eu faço 30 dessas”. Ele disse: “Só em bairro que tiver renda familiar inferior a tantos salários. Não

quero coisa para classe média alta, que tem dinheiro para pagar um conservatório para o filho e professor para ensinar”. Fizemos mais de 30 na periferia de São Paulo e no interior. Acabei de ler no jornal que estão fechando tudo... o Andrea Matarazzo...

J&Cia – *Também soubemos disso.*

Fernando – É uma pena. Um dia encontrei por acaso o Dan Stulbach. Eu estava num botequim tomando uma cerveja e ele entrou. Eu só o conhecia porque o tinha visto numa novela dando porrada na mulher. Entrou e me perguntou: “Você é o Fernando Morais? Devo a minha vocação a você!”. “Como assim?”, perguntei.

Ele disse que desde jovem queria ser ator e uma vez viu no jornal que existia uma série de oficinas de teatro dadas por Mario Prata, Regina Duarte, Guarnieri [Gianfrancesco], por não sei quem...e isso acabou viabilizando a iniciação dele na carreira artística. Agora vejam também o outro lado: além de oferecer formação para gente pobre, esse tipo de iniciativa cria mercado de trabalho para os profissionais, junta as duas pontas. E o Dan disse: “Olha, eu sou o que sou hoje graças às oficinas que você criou na Secretaria da Cultura”. Foi muito legal. Outro exemplo é o Memorial da América Latina, que levava o Zé Dirceu a me cobrir de porrada na tribuna! Dizia que eu estava jogando dinheiro fora, que tinha que investir dinheiro nisso e naquilo!

J&Cia – *Hoje as esquerdas todas...*

Fernando – Estão lá! Ele baixou o tom das críticas no dia da inauguração porque eu trouxe o Fidel, né? (risos) Profissional por profissional, eu também sou! Não é só ele não! (risos) Quem é o chefe de estado que vem para a inauguração? O Fidel... O Sodré [Roberto Costa de

Abreu], que era ministro das Relações Exteriores, fez tudo o que podia para impedir a vinda do Fidel. Bancamos, conseguimos, o Sarney encarou e trouxemos o Fidel Castro para inaugurar o Memorial. Daqui a 500 anos os tataranetos do Zé Dirceu poderão vir aqui e ver, em pedra e cal, a obra do Oscar Niemeyer...

J&Cia – *E a segunda recaída?*

Fernando – O Fleury [Luiz Antonio] ganhou a eleição e no dia seguinte ao anúncio do resultado foi até a minha casa, por delicadeza, porque eu estava adoentado, com pneumonia, sem condições de ir ao escritório dele, e disse: “Fernando, tem três lugares para você escolher. Pode ficar onde está, como secretário da Cultura, ir para o Meio Ambiente, que agora está na moda e não sei o quê, e o terceiro, que é o melhor de todos, assumir a Educação. Pode pedir o dinheiro que quiser, porque quero sair daqui a quatro anos com uma educação igual ou melhor do que a do Santa Cruz, do Gracinha...” [colégios de elite de São Paulo]. Apontei para o Aloysio Nunes, que era vice dele: “Olha que tem testemunha

aqui! O Aloysio tá ouvindo aqui, hein?”. Ele falou: “É Educação, claro!”. Mas aí não deu certo. Ele não estava a fim de fazer revolução alguma. Eu mandei 18 cartas de demissão para ele. Tenho todas guardadas... e a décima nona nem mandei. Simplesmente deixei de ir trabalhar e só mandei publicar no Diário Oficial que não era mais secretário da Educação. Educação não dá voto. A Época fez uma matéria recentemente que é um negócio de arrepiar os cabelos: dos 25 prefeitos que mais investiram em educação no Brasil na última eleição municipal, 23 não foram reeleitos ou não conseguiram eleger o sucessor. Isso é um horror, um estímulo para não investir em Educação! O prefeito vai fazer chafariz!

J&Cia – *E a terceira?*

Fernando – Eu achei que já estava suficiente vacinado, mas me enganei. Foi a candidatura a governador em 2002. Estava quieto no meu canto, ganhando o meu modesto mas honesto dinheirinho, e aí o Quércio me chamou e disse: “O partido se reuniu e queremos que você seja candidato a governador”. Opa! Perguntei:

“Quanto tempo a gente tem na televisão? Só de governador”. Ele disse: “Cinco minutos na hora do almoço e mais cinco na hora do jantar”. Pensei: “Cinco minutos na televisão é uma eternidade!”. Como teríamos também eleição presidencial, perguntei quem o partido ia apoiar para presidente. Ele falou: “O Michel [Temer] está acertando para apoiar o Serra e parece até que o partido vai dar a vice a Rita Camata”. Eu falei: “Então, estou fora! Para o Serra eu não vou fazer campanha. Vou fazer campanha para o Lula! Não tenho nada a ver com o PT, aliás, tenho até críticas ao PT, mas o meu candidato é

o Lula”. Aí ele disse: “Mas nós podemos fazer uma fissura e em São Paulo o PMDB faz a campanha do Lula”.

J&Cia – *O oposto do que está acontecendo hoje.*

Fernando – Exatamente. E os personagens são os mesmos. O único que não está nesse rolo de hoje é o Lula. Eu falei: “Se for para apoiar o Lula, mesmo que a direção nacional apoie o Serra, se o diretório do partido em São Paulo decidir pelo Lula, estou dentro”. Ele falou que tudo bem. Mas eu alertei: “Essas coisas têm que ser muito claras, muito limpas. Então, vamos fazer o seguinte: no dia da

inauguração do meu comitê eu quero que o Lula esteja lá, para não haver dúvida quanto ao apoio”. Tudo bem? Tudo bem. Negocie com o Zé Dirceu, conversei com o Lula. Fizemos uma reunião escondida, aqui em casa: Quércio, Lula, Dirceu, Marta Suplicy, acho que também o Brizola [Leonel], que ia ser vice do Lula, e o Francisco Rossi, que estava disputando a Prefeitura de São Paulo pelo PDT. E estávamos vendo uma costura para ele não bater de frente com a Marta, que também disputava a Prefeitura de São Paulo, aquela coisa de palanque e tal. Fechado? Fechado. Alugamos aquele galpão onde funcionou por muito tempo a ESPM, no Bixiga, ao lado do Teatro Zaccaro. Ali pra comitê é uma maravilha, primeiro porque tem estacionamento, em que cabem não sei quantos carros; tem um salão monumental para fazer festa, juntar gente, e salinhas pequenas para fazer a área operacional. Fizemos a inauguração,

“Ele [o ex-governador Luiz Antonio Fleury] não estava a fim de fazer revolução alguma em lugar nenhum. Eu mandei 18 cartas de demissão para ele. Tenho todas guardadas... e a décima nona nem mandei. Simplesmente deixei de ir trabalhar e só mandei publicar no Diário Oficial que não era mais secretário da Educação. Educação não dá voto.”



Fernando Morais

e o Lula foi. E o que nós servimos para os convidados? Olhem ali aquela garrafa (e aponta para a estante ao seu lado)... eu guardei de lembrança... Isso é vinho produzido pelo MST em assentamento. Veritas... O nome do vinho é do **Carlito Maia**. Servimos para os nossos convida-

Arquivo Fernando Morais



Com Marina, em Genebra

dos vinho do MST. Comprei 20 caixas do Stédile [João Pedro]...

J&Cia – In vino...

Fernando – *In vino veritas*. Eu saía de casa diariamente às seis horas da manhã, descia para a garagem, entrava no carro, ia para o aeroporto, pegava o aviãozinho e fazia entre dez, quinze comícios em cidades diferentes. Eu seguia uma agenda e o Quércia outra, na campanha pelo Senado. Ele pedia voto para mim, eu pedia para ele. E à noite nos encontrávamos em uma cidade grande para fazer um comício para fechar a jornada. Isso durou 53 dias. Não tinha sábado, domingo, feriado. Das seis da manhã até 1h30 ou 2h da madrugada do dia seguinte. E nas pesquisas eu estava em terceiro ou quarto lugar. Em primeiro estava o Alckmin, em segundo o Genoíno, os dois lá em cima, e eu com uns 4%, no máximo; dependendo do instituto, 5%. Mas eu não esquentava a cabeça. Sabia que quando começasse a televisão

iríamos desempatar aquela merda... ou empatar. Faltando uma semana para começar a televisão, estou chegando em Bauru, ligo para o marqueteiro que tinha sido contratado pelo Quércia, o Cotrim, e digo: "Estou preocupado. Na semana que vem começa o horário gratuito e nós ainda não gravamos nada". Aí ele disse: "Ué, mas o Quércia não te falou?". "O quê?". "O seu tempo vai ficar com ele?". "Como assim? O Quércia já tem 1m30 dele e mais 1m30 do segundo candidato a senador!". Era um laranja do ABC que só se registrou para ceder o tempo a ele. O Quércia já estava em primeiro lugar, com 40%, seguido do Tuma e do Mercadante, meio embolados na faixa dos 18%, 20%. O Quércia, que teria 3 minutos, queria garfar os meus 5! Eu falei: "Você cheirou cola? Pirou, porra!". "Por quê?". "De onde vocês tiraram que eu vou aceitar um negócio desses?!". Ele disse: "Mas o Quércia disse que ia ser assim... Você me desculpe, não

tenho nada a ver com isso, mas quem paga as contas é ele e eu fui contratado por ele". Cancelei meu compromisso em Bauru, voltei para São Paulo e fui atrás do Quércia. Disseram: "Ah, o Quércia está num comício em Guarulhos." Toca pra Guarulhos! Cheguei lá, tinha um palanque, praça cheia... ele se assustou, porque não tínhamos combinado. Ele achou que eu estava no interior. "O que é que houve?" perguntou. Chamei-o num canto e quando falei ele se espantou: "Olha, não dá para conversarmos sobre isso aqui". "Está bem. Então, vamos lá em casa amanhã". Eu não iria para a casa dele, pô! Ele que viesse à minha! (risos). Ele veio e chamei a minha mulher de

testemunha: "O que é isso? Que história é essa?" Ele disse: "Você deve entender que o esforço do partido aqui é para fazer senador... Você está baixo nas pesquisas e tal. Temos que apostar naquilo que dá para fazer." Eu disse: "Quércia, você me conhece há 30 anos, acha mesmo que vou aceitar uma palhaçada dessas?!" Ele disse "Não, não, não! De maneira alguma! Vamos dar um jeito nisso!". Eu disse: "Não tem dois jeitos, Quércia! Só tem um jeito: ou o tempo de governador é meu ou eu estou fora! E você vai ter que explicar isso para a opinião pública!". No dia seguinte era aniversário dele, 18 de agosto. Ele falou: "Vamos amanhã para o comitê, vai ter uma festa, bolo,

gente do estado inteiro e depois do bolo conversamos". Liguei para o Audálio, que era o meu homem de comunicação, e contei a ele: "Você tem que estar ao meu lado e ser testemunha, para o Quércia não sair por aí depois contando outra versão". Fomos, cantamos parabéns... muita gente. Acabou a reunião, dei um abraço nele e perguntei: "Na minha sala ou na sua?". "Vai para a sua que eu vou daqui a pouco para lá". Fui com o Audálio e nada do Quércia, nem sombra. Aí ele mandou a tropa de choque conversar comigo. Veio o Sandoval, que é o faz-tudo dele, de não sei qual cidade, a delegada Rose, uma deputada, e o Marcelo Barbieri, que era chefe do MR8. Stalinista por stalinista, prefiro eu próprio, sabe? (risos). Não vem não, meu, stalinista sou eu... Bem, vem a tropa para dizer que aquela não era uma decisão do Quércia, mas sim da Executiva do partido e que ia ser assim. E eu disse: "Tudo bem. Então a Executiva do partido vai ter que explicar para a opinião pública por que o partido não tem candidato a governador". Retirei minha candidatura e mandei todo mundo pen-

Vem a tropa para dizer que aquela [ficar sem tempo de tevê na campanha] não era uma decisão do Quércia [Orestes], mas sim da Executiva do partido e que ia ser assim. E eu disse: 'Tudo bem. Então a Executiva do partido vai ter que explicar para a opinião pública por que o partido não tem candidato a governador'. Retirei minha candidatura e mandei todo mundo pentear macaco.

tear macaco. Vão pra puta que os pariu! O velho Audálio ali, de testemunha. Disse que eu não era moleque! Como é que eu ia olhar para minha filha, para o meu vizinho, para os meus amigos, para mim mesmo, de manhã, na hora de escovar os dentes, já que barba não faço? Ia me achar um palhaço, um banana! Chamei a imprensa na 2ª.feira e fiz uma carta para o presidente do TRE denunciando e dizendo que não ia compactuar com uma farsa, com uma molecagem daquelas! Minha única surpresa foi isso ter vindo de uma pessoa que me conhecia havia mais de 30 anos. Quer dizer, não me

conhecia. Deus não existe, mas é pai. "O mundo gira e a Lusitana roda". Ele não se elegeu. O Tuma e o Mercadante ficaram com as duas vagas e ele despencou para o terceiro lugar. Não, ficou em quarto lugar, perdeu para o Zé Aníbal. E quase perde para um candidato do PC do B, o vereador Wagner Gomes, que estava ali mais para segurar lugar do que qualquer outra coisa.

J&Cia – Aí você ficou calejado, né?

Fernando – Ah, sim. Agora, nunca mais. Tanto nunca mais que, quando o Lula naquele ano ganhou a eleição, vieram me perguntar – ninguém falando em nome

dele –, querendo saber se eu aceitava ser indicado para o Ministério da Cultura. Eu disse: "Tô fora! Não quero!". Isso em 2002. Minto, teve um outro convite antes dessa minha aventura ao Governo de São Paulo feito pela Marta Suplicy, que ganhou a Prefeitura de São Paulo em 2000. Me chamou para ser secretário da Educação. O Sayad [João] era secretário de Finanças ou algo assim e não tinha tomado posse, mas a eleição já tinha sido ganha... O Sayad, de quem sou amigo há muito tempo (fomos sócios num botequim), me procurou dizendo que a Marta queria que eu fosse secretário da

Fotos: Sônia Mele





Fernando Morais

Educação, porque ela estava com planos de implantar os tais CEUs, uma beleza de projeto!

J&Cia – Como foi ser dono de botequim em sociedade com o Sayad?

Fernando – Eu tinha apenas 10%, éramos um grupo de amigos. Uma farra, uma festa, dois anos de festa... Nabuco... Tomamos tudo! Comemos e bebemos tudo (risos). Até o Sobel, que é meu vizinho aqui, ia lá. Mas eu não deixava pagar! (risos) Ia todo dia, comia umas duas ou três empadinhas e tomava uma tacinha de vinho, uma coisa assim. No dia em que o vi sentado lá falei pro *maître*: “Esse senhor, aqui não paga! O que ele fez quando o Vlado foi morto... não deveria pagar nada em lugar algum!”

J&Cia – Naquela vez conseguiu resistir...

Fernando – Consegui e nem consultei a minha mulher. Em geral eu a consulto, mas daquela vez fui direto e falei: “João, explica pra Marta que eu fiz a campanha

dela, vou fazer de novo, quantas vezes precisar, mas não quero! Serviço público não quero mais. Absolutamente nada!” Aí veio a história da candidatura a governador e foi a pá de cal. Estou fazendo campanha agora? Estou! Fiz uma feijoada a pedido do Palocci para ajudar um menino de Ribeirão Preto, jornalista, que é candidato a deputado estadual, chamado **Galeno Amorim**. Ele criou a Feira do Livro de Ribeirão, implantou 80 bibliotecas públicas na cidade, fez a política de livros do Governo Lula, e é meio cria do Palocci. Fiz uma feijoada aqui para apresentá-lo a escritores, editores, autores. O Palocci veio e, no meio do almoço, me passou o telefone e disse que a Dilma queria falar comigo: “Estou com inveja,

com ciúmes...” Eu falei: “Eu também faço uma pra senhora...” Mas não quero nem ouvir falar em voltar para a área pública, até pelo seguinte: se você for ministro, vai ganhar uns R\$ 6 mil por mês. Não dá para sobreviver. Eu não sou milionário, não tenho vida de milionário. O único



Entrevistando Lula

bem que eu tenho está aqui, é minha casa. E metade, porque a outra metade é da minha mulher! Meu casamento já está durando 30 anos, por várias razões, porque nos amamos e tal, mas também porque mantemos as coisas, sabe? Tudo o que temos em comum é meio a meio. As contas da casa, eu pago metade e ela paga metade.

J&Cia – Agora, só para entendermos melhor, se você é casado há tanto tempo, como é a história de seu recente casamento?

Fernando – Eu já estava casado, vivia em concubinato pagão com ela há 30 anos (risos). E aí resolvemos casar. E sobre esse ecumenismo que é minha vida, o nosso casamento foi a prova viva

disso. Lá estiveram o Sobel, o frei Betto, a monja Cohen, que vem a ser a Cláudia Dias Batista de Souza, paixão da minha juventude no Jornal da Tarde... Era repórter do jornal. Aliás, destruiu cinco ou seis casamentos... E o Ali El Khatib, que é o representante dos islamitas de São Paulo. Era proteção de tudo quanto é lado. Só faltou mesmo um bom pai-de-santo para segurar todas as portas (risos).

J&Cia – Qual é o nome dela?

Fernando – É Marina. E, para mal dos pecados, Marina Maluf. Mas não tem nenhum parentesco com o cramulhão (risos).

J&Cia – Quem te inspirou no jornalismo e na literatura? Quem foram seus mestres?

Fernando – No jornalismo, Murilo Felisberto. É muito chato dizer isso, porque tem tanta gente que foi importante na minha vida, vai ler e vai dizer “esse filho da puta não lembra mais de mim...”

J&Cia – Alguém que represente todos...

Fernando – Murilo! Eu poderia falar, por exemplo, do Woile Guimarães, o Guimão. Aprendi muito com ele. A tapa, né? Porque o Guimão é um cavalo.

J&Cia – Em TV Guia (publicação de curta duração da Editora Abril, em 1976) o chamávamos de sargento...

Fernando – Tem uma frase famosa do John Huston que é assim: “Eu nunca disse que os atores são animais. Eu disse que eles devem ser tratados como animais” (risos). O Guimão tem uma coisa ótima: ele sempre foi um cavalo, mas um cavalo muito honesto. Já nem sei se continua sendo um cavalo. Eu lembro, por exemplo, de ter voltado de uma enorme viagem, demoradíssima, cansativa, no Jornal da Tarde, e, antes de ir pra casa descansar, tomar um banho e voltar no dia seguinte, fiz a bobagem

Sobre esse ecumenismo que é minha vida, o nosso casamento foi a prova viva disso. Lá estiveram o Sobel, o frei Betto, a monja Cohen (...) e o Ali El Khatib, que é o representante dos islamitas de São Paulo. Era proteção de tudo quanto é lado... Só faltou um bom pai-de-santo para segurar todas as portas...

de passar antes no jornal, para matar as saudades. Tinha ido fazer uma matéria sobre a construção de Itaipu e acabei ficando muito tempo por lá, no Paraguaí. Na hora em que entrei, o Guimão falou assim: “Tem um engarrafamento de carros na via Anchieta, encosta as suas malas aí que eu estou chamando um fotógrafo” (risos). Eu falei: “Oh Guimão, desculpa, mas eu não vou não. Faz três meses que estou fora. Quero ir pra casa ver minha mulher. Arruma outro, tem um monte de repórter aí dando sopa. Olha lá o **Percival [de Souza]** coçando o saco. Chama o Percival, porra!” (risos). E fui pra casa. Daí a duas horas chega um motorista do jornal com um envelope endereçado a mim. Era uma cópia de um bilhete que o Guimão tinha escrito para o redator-chefe de plantão, o **Sandro Vaia**, cagando na minha cabeça. Eu tenho esse bilhete guardado até hoje. “Fernando Morais precisa aprender que

em redação de jornal não tem bom! É todo mundo igual. Tá aqui tem que fazer matéria, sim! E matéria de engarrafamento na via Anchieta é tão importante quanto a construção de Itaipu!” Sentou o cacete! No final tinha uma observação: “PS: Tô tirando uma cópia disso aqui e mandando entregar na casa do Fernando. Abraço, Guimão!” Então é isso, um cara honesto, não é um cara que te mete a faca pelas costas.

J&Cia – Te enfia a faca pela frente... (risos)

Fernando – É, pela frente, como gaúcho. Não é como mineiro. Nós matamos de tocaia, escondidinhos (risos). Gaúcho dá tiro olhando pra sua cara. Ele não é gaúcho nem mineiro, mas age como gaúcho. Agora, você aprende com isso não só do ponto de vista profissional, mas do lado moral também. Aprende a trabalhar com decência. Você pode ser duro, mas é como no ditado cubano: *El*

valiente no quita al cortés, ou seja, você pode ser valente, mas seja honesto... correto.

J&Cia – Como dizia o Che...

Fernando – “Há que endurecer, sem perder a ternura, jamais...” O bilhete... é uma pena, mas nessa mudança eu não vou conseguir achar. Seria até engraçado reproduzir o bilhete do Guimão, que é hoje uma vedete nacional.

J&Cia – De todas as redações em que trabalhou, qual foi a melhor?

Fernando – Jornal da Tarde. Veja foi boa, muito legal, mas nada que se compare com o Jornal da Tarde, sobretudo no período que antecede a censura. Eu lembro de uma matéria... até poderia tentar desenterrar os originais, se é que isso ficou guardado em algum lugar... Eu me encontrei com o **Mário Chimanovich** no interior do Mato Grosso, num lugar que se chama Pontes de Lacerda. Em determinado trecho, o rio, um grande rio, se



Fernando Morais

divide em dois e no meio tem uma ilha. E havia ali uma tribo indígena. Um fazendeiro, latifundiário, aqui de São Paulo, que morava em Ribeirão Preto, comprou uma monumental gleba de terra e estava soltando boi, plantando soja, cana, o que seja, nela. E os índios de uma tribo que vivia ali desde antes do descobrimento, começaram a espernear. Quando isso acontecia, o fazendeiro chamava a PM e ela ia lá e os cobria de cacete. Um dia os índios pegaram um PM, mataram, penduraram o corpo de pernas para cima e abriram no meio com um facão. Deixaram o corpo dele pendurado ali no centro da taba, se armaram e disseram: "Aqui não entra mais branco, não entra PM. Se

quiserem negociar, tem que chamar o Exército. PM é tudo um bando de filhos da puta, vendidos para fazendeiros, e a gente só confia no Exército Brasileiro." Eu fui para lá e consegui entrar com um fotógrafo.

J&Cia – E conseguiu sair...

Fernando – E consegui sair! Estou aqui. Mas não fui o único a furar. Lá estava também o Mario Chimanovich. Ele nem deve lembrar mais disso. Uma puta matéria! Uma coisa maravilhosa! "Branco que entrar aqui a gente vai dividir no meio". E bicho comendo o cadáver, um fedor desgraçado. Todos armados de carabina, não era de flecha, não. E eles esperando o Exército para negociar. Fica-

mos lá, eu e o Mário, uns quatro ou cinco dias esperando, até o Exército chegar, de helicóptero, e apaziguar. E a censura não deixou sair uma linha no Jornal da Tarde. E era até uma matéria – se o censor não fosse um cavalo, uma anta – favorável! Os índios dizendo: "Queremos negociar com o Exército porque o Exército é honesto!". Matéria patriótica, eu diria. Aí o tesão vai desaparecendo... Lembro que fiz também aquela série sobre o Paraguai, quando o Stroessner [Alfredo] e o Geisel assinaram o Tratado de Itaipu. Por causa dele eu fui até lá, fiquei um tempão e quando voltei fiz a série cujo título era O imperialismo brasileiro no Paraguai. O censor obrigou a mudar o título, sob pena de capar a matéria inteira. O título mudou para *O Brasil e o Paraguai*. Matéria importante. Aliás, consegui uma cópia dela e levei ao Lula, há alguns meses, quando o Lugo [Fernando] foi eleito presidente do Paraguai, e disse: "Olha o que está no pé desta matéria, presiden-

Continuo sendo jornalista e repórter. Há colegas meus do mundo dos livros que não gostam de ouvir isso. Não vou citar nomes. Todos os meus livros, sem uma única exceção, são grandes reportagens. Qualquer um deles poderia ser publicado em série num jornal ou revista, sem exceção.

te: "No dia em que o Brasil e o Paraguai forem governados por dirigentes eleitos diretamente pelo povo, Itaipu será um problema". Taí! Taí! Porque aquilo foi um esbulho do Brasil contra o Paraguai! Tanto que o título da matéria se justificava por causa disso.

J&Cia – Aliás, não foi a primeira vez que o Brasil fez isso...

Fernando – Teve a guerra, em que o Exército brasileiro dizimou a população masculina do Paraguai. Não sobrou homem para fazer filho por lá. Os meninos de 13 anos tinham que trepar com as mulheres para a população não desaparecer. Acabaram com os homens, com a economia, com tudo!

J&Cia – Você se realizou mais na literatura ou no jornalismo?

Fernando – Na verdade, continuo sendo jornalista e repórter. Há colegas meus do mundo dos livros que não gostam de ouvir isso. Não vou citar nomes. Todos os meus livros, sem uma única exceção, são grandes reportagens. Qualquer um deles poderia ser publicado em série num jornal ou revista, sem exceção. O livro que

estou escrevendo agora também poderia ser publicado tranquilamente...

J&Cia – Qual é?

Fernando – *Os últimos soldados da Guerra Fria*. É a história de cinco agentes da inteligência cubana, infiltrados em organizações de extrema direita na Flórida para prevenir atentados contra o país. Todos em Miami. Eles passam oito anos lá. Fogem de Cuba, saem como inimigos da revolução cubana, um rouba um avião militar e pousa no aeroporto de Miami, outro era piloto de Mig, outro desertou quando estava dando um seminário pelo Exército na Bélgica... Todos agentes. Eles ficaram de 1990 até 1998, mandaram 30 mil páginas de informações para Cuba. Em 98 foram presos e condenados à prisão perpétua. Os cinco. No meio dessa história tem coisas deliciosas, como uma troca de correspondências secretas entre o Fidel e o Bill Clinton, e o pombo correio era o Gabriel Garcia Márquez. De um ano para cá fiz 12 viagens para os Estados Unidos e dez viagens a Cuba para levantar essa história. A última entrevista que fiz para o livro foi com um cara, um

mercenário norte-americano, que está condenado à morte em Cuba, na fila para o paredão, porque colocou oito bombas em hotéis de Cuba. A ideia era assustar turistas, porque o turismo estava permitindo a subida da economia depois do fim da União Soviética. O açúcar foi para o vinagre... Eu fui entrevistar o cara que matou gente, botou um monte de bombas e foi apanhado graças a informações enviadas pelos meus personagens de Miami para Havana. Fui entrevistá-lo agora, um negócio comovedor. Virou meu amigo! Um mercenário, escroto, mas virou meu amigo. Mandeí a ele a biografia do Paulo Coelho em castelhano.

J&Cia – A editora é a Cia das Letras?

Fernando – Sim, voltei para ela, depois de uma experiência com a Planeta. Mas nesse projeto a novidade é que também já vendi para o cinema. Aliás, foi isso que viabilizou o livro. Com a grana que recebi, fiz todas essas viagens... *A Ilha* também vai virar filme. Mas que filme? Acho que dificilmente algum de nós cogitaria fazer um filme sobre *A Ilha* porque é um livro datado, um retrato. Aliás, o prefácio do

Calado fala isso. O Heitor Dhalia, que fez *O cheiro do ralo*, o *À deriva*, dois filmes muito bonitos, é quem vai dirigir. E acho que só alguém com aquela cabeça poderia se interessar por filmar *A Ilha*. No *À deriva*, ele, do nada, de uma briga de casal, o que se chama "discutir a relação" – casal classe média, intelectualizado, já com filhos adolescentes e um casamento começando a ir para o saco –, tirou um filme com uma densidade muito grande. O que ele vai fazer com *A Ilha*? Não é a história de Cuba, uma reportagem sobre o país. É a história de um repórter brasileiro, durante a ditadura militar, indo pra Cuba, tentando visto e tal, com a história da barba na volta e mais um monte de coisas que eu não contei no livro porque não cabia contar. O livro não tem um *making of* e ele vai pegar essa veia e fazer o filme.

J&Cia – E os outros?

Fernando – Vendi o *Montenegro* para o

João Batista de Andrade e o *Toca dos leões* para o Fernando Meirelles. *Corações sujos* já está pronto e foi feito por Vicente Amorim. Deve estreiar logo, logo. *Olga* já foi... *Chatô* está encruado. O Guilherme Fontes diz que leva para as telas ainda este ano. A propósito, é preciso desfazer essa coisa que a mídia pregou nele de que ele é um ladrão. Podemos dizer que é incompetente, atrapalhado, mas ladrão não e sou testemunha disso. Ele hoje tem menos bens do que antes. Ele se desfez. por exemplo, de uma casa belíssima que tinha no Alto da Gávea, quando comprou os direitos, e hoje mora num apartamento no Leblon. Antes tinha um daqueles jipões japoneses e agora anda em uma motoneta... uma scooter.

J&Cia – E o livro do ACM?

Fernando – Estou esperando o Antonio Carlos Magalhães morrer primeiro. Porque ele continua vivo em nossos corações (risos). É o seguinte: tenho nove

anos de gravações com ele. Conversas que foram até a véspera de ele morrer. Mas estou esperando assentar a poeira. A família andou meio dividida, brigando, um pouco coisa política, um pouco coisa material, e eu não quero me meter nessa briga. Como ainda preciso levantar algu-



Casamento da filha Rita



Fernando Morais

mas informações com um e com outro, prefiro esperar. Mas o ouro está aqui, comigo! São nove anos de gravações, mais os arquivos pessoais, que ele me deu. Os celeberrimos arquivos pessoais de Antonio Carlos Magalhães estão aqui.

Arquivo Fernando Morais



Viagem de moto

J&Cia – E você já andou xeretando...

Fernando – Sim! Ouro puríssimo! Tem coisas do arco da velha, incríveis. Vocês sabem que ele, gato escaldado, gravava todas as ligações telefônicas que fazia e está tudo aqui. Do Juscelino ao Lula. Ouro puro!

J&Cia – Como um dos poucos escritores que vivem do seu próprio ofício aqui no Brasil, você é um homem rico?

Fernando – Não!

J&Cia – Mas consegue viver apenas dos direitos autorais?

Fernando – Consigo, mas não sou rico. Não tenho nada na conta bancária. Ganho e gasto. Vocês podem perguntar: mas gasta em quê? Não sei! Não tenho nada! (risos) Tenho um carro de segunda mão e uma motocicleta, uma de minhas paixões. Gasto muito com viagens, mas 90% são de trabalho. De um ano para cá fiz 20 viagens. Fora a de lua-de-mel, as outras 19 foram de trabalho para o livro. Mas eu gosto de trabalhar, embora viva

dizendo que adoraria fosse hereditária a sorte que meu pai teve com loteria. Ele ganhou duas vezes, e loteria gorda (risos). Uma delas já bem no finzinho da vida e só soubemos depois que ele morreu... (risos) Foi uma dessas Mega Sena acumuladas. E em 1950 ele já havia ganhado o prêmio do Sweepstake da Loteria Federal, que era uma dinheirama. Por causa disso, toda vez que passa de R\$ 13 milhões o acumulado da Mega Sena eu jogo, na esperança que algum gene aflore e me faça rico (risos). As pessoas me perguntam: mas e se você ganhar? Eu brinco que vou comprar uma garrafa de querosene e tocar fogo no computador, jogar pela janela... Mas não vou não. Vou continuar trabalhando e vivendo do mesmo jeito. Qual é o meu luxo? É comprar charutos cubanos, mas como eu vou muito lá compro mais barato.

J&Cia – E o Fidel te manda... (risos)

Fernando – Ganho de presente. Não sou uma pessoa que compre roupa de grife.

Minha mulher compra minhas roupas numa lojinha aí embaixo. Igual ao que todo mundo usa.

J&Cia – Você tem filhos?

Fernando – Tenho uma filha de 30 anos, Rita, arquiteta. Casada com o capista do Montenegro, Ricardo Schwab Schirmer. Aliás, eles acabam de me dar a coisa mais maravilhosa do mundo, que é essa netinha que está aqui nesta foto, a Elana, um aninho. E tenho uma falsa neta, que está vindo de Bariloche com a minha mulher e me chama de *nono*. Ela é filha de uma sobrinha da Marina, que era adolescente e veio do interior, de Catanduva, para estudar em São Paulo e morava na nossa casa. Foi meio que educada por nós. Cresceu aqui, estudou,

fez faculdade, casou e tem uma filhinha que está com sete anos hoje.

J&Cia – Quantos exemplares os seus livros venderam?

Fernando – Ah, não sei! Depois do Paulo Coelho perdi a conta. Eu sei que está em primeiro lugar... primeiro, segundo, primeiro, segundo, na Índia... Eu nem sei onde fica a Índia. Nunca coloquei os pés lá. Seguramente nenhum indiano ouviu falar de mim. Provavelmente nem o embaixador do Brasil na Índia sabe quem sou eu... (tem um forte acesso de tosse) Fuma, filho da puta! O ar já está seco e eu resseco mais ainda com o charuto (tosse outra vez). A última conta que eu tinha feito, antes de publicar o Paulo, dava uns 2,5 milhões. Mas não

sei dizer, porque o Paulo está publicado em mais de 30 idiomas. Hoje eu recebi um e-mail da agente, informando que o jornal alemão Bild vai publicar na semana que vem, de segunda a sexta, todo dia, um resumo da biografia do Paulo Coelho e quando terminar o livro vai para as livrarias. Na Alemanha, por exemplo, a expectativa é que vá muito bem. Nos Estados Unidos, para meu espanto, a edição em castelhano está indo muito melhor do que a edição em inglês. Os hispânicos são muito mais "coelhistas" do que os anglos... Tem uma expectativa grande também na China...

J&Cia – E no Brasil?

Fernando – Foi bem, mas menos do que eu esperava. Primeiro, porque o livro ficou muito caro. Acho que foi um erro estratégico da Planeta ter colocado um preço tão alto, R\$ 70. Acho que R\$ 60 estava de bom tamanho. Vocês podem dizer: ah, mas não é uma diferença tão grande. Mas para quem ganha salário mínimo R\$ 10 é uma puta diferença! R\$ 10 numa livraria pode te levar a comprar

“Prazer todos [os livros] dão depois que termino, né? Livro não é bom escrever, é bom ter escrito. Eu sofro muito. Escrever é um sofrimento para mim porque eu sou perfeccionista. Eu jogo fora, reescrevo, reescrevo. Leio e falo: ‘Está muito ruim ainda’.”

um livro e não levar o outro! E se você tem R\$ 60 e não R\$ 70? Acho que a Planeta poderia ter reduzido um pouco a margem de lucro e teria certamente produzido resultados melhores. Mas nada de que eu possa me queixar! Vendeu uns 80 ou 90 mil livros e é um tijolo, um livro de seiscentas e tantas páginas de um personagem que divide muito a opinião pública. Eu amo ou odeio! Mas os dois livros que mais venderam até o Paulo – eu ainda não tenho uma avaliação do desempenho da biografia do Paulo em outros países –, os dois campeões eram *Olga* e *A Ilha*. *Chatô* é um livro que ven-

deu muito bem se considerarmos que é um livro caro. Uns 350 mil exemplares.

J&Cia – Desses, qual foi o que deu mais trabalho e qual deu mais prazer?

Fernando – Prazer todos dão depois que termino, né? Livro não é bom escrever, é bom ter escrito (risos). Eu sofro muito. Escrever é um sofrimento para mim porque eu sou perfeccionista. Eu jogo fora, reescrevo, reescrevo. Leio e falo: “Está muito ruim ainda.” Tem vezes que pego livro meu, já impresso, para fazer uma consulta, e digo: “Meu Deus! Como é que eu fui escrever isso aqui?” O que deu mais trabalho foi *Chatô*. Porque ele

não era um, eram vários, e tinha uma memória muito fragmentada. Havia pedaços do cadáver do Chatô em Londres, em Belém, em São Paulo. Mulheres para tudo quanto é canto, ex-mulheres... E muito folclore, muita mentira. Tem gente que conta histórias sobre ele que eu posso colocar as minhas duas mãos no fogo para dizer que ele não teria feito aquilo. Eu sei que não era coisa dele, não combinava. No Brasil tem muito esse negócio de certas frases, certas tiradas, que entram para o folclore e vão mudando de proprietário com o tempo. Tem uma célebre do Antônio Carlos Ma-

Fotos: Sônia Mele





Fernando Morais

galhães, que eu perguntei diretamente a ele se era verdade e ele disse que infelizmente não era.

J&Cia – Sobre os jornalistas?

Fernando – Sobre os jornalistas, que muita gente atribui a ele: “O bom político deve carregar dinheiro num bolso e notícia no outro, porque metade dos jornalistas quer dinheiro e a outra metade quer notícia. Mas é preciso ter muito cuidado para não dar dinheiro para quem quer notícia e notícia para quem quer dinheiro.” Eu perguntei se era verdade e ele disse: “Infelizmente não, mas teria feito com o maior prazer” (risos). E com o Chatô tinha muito disso...

J&Cia – Você continua mantendo as velhas amizades ou elas foram se renovando?

Fernando – Eu tenho poucos amigos, infelizmente. Na vida, as pessoas vão se dispersando. Eu briguei com muita gente nos anos 10, na primeira década deste século. Agora, nesta década, que vai de 10 a 20, quero fazer as pazes. Briguei, nunca por sacanagem. Não é o caso de reabrir feridas, mas já que falei do Quércia aqui, naquele caso eu tinha que romper, não tinha alternativa. Não falo mal dele, ao contrário. Só falei aqui com vocês por ser um veículo com uma característica diferenciada, com outra

sensibilidade. Mas é preciso ressaltar que o Quércia sabe mandar, dar tarefas, mas não é da minha tribo! Não é mais. Era amigo e até na França chegou a ir me visitar.

J&Cia – Você morou lá quanto tempo?

Fernando – Passei dois anos na França, por minha conta, pois nunca me convidaram para ser nada lá, ninguém me dava bolsa, me chamava para ser embaixador... (risos). Mas como eu queria ir, vendi um terreno na Cantareira, outro em Jaguariúna, a moto, um carro bonito (um BMW), juntei com um dinheiro que a minha mulher levantou também vendendo umas coisas dela e passamos dois anos na França. Convidamos o Quércia e ele foi com a mulher passar dez dias conosco, para vocês verem o grau de intimidade que tínhamos um com o outro. Somos pessoas de mundos diferentes, de expectativas diferentes, mas eu gostava do calabrês. Até o dia em que ele me aprontou. Então, nessa década, até

Mas dessas coisas [suspeita de câncer na próstata] sempre se tira alguma lição, algum proveito. Eu passei a valorizar mais as relações afetivas. Me arrependi muito de ter brigado com amigos queridos por razões... Não é nem ter brigado, mas me distanciado de amigos queridos por razões políticas. Isso é uma tremenda bobagem!

os anos 20, eu quero fazer umas pazes por aí. Mas tenho poucos amigos, três ou quatro. Me ressinto disso, acabo ficando muito sozinho. Eu fico na ilha, onde a gente tem essa casa [Ilhabela, no litoral norte de São Paulo], mas às vezes me sinto muito sozinho.

J&Cia – Só com os borrachudos...

Fernando – Até borrachudo já se acostumou com o meu sangue. Preferem as visitas! (risos) Eu tenho depressão, me medico já há uns 20 anos contra ela. Estou convencido de que depressão não é algo que venha do mundo exterior, é um problema químico no seu “coco”, que você resolve com comprimidos. Claro, evidente, há casos e casos, nunca se pode generalizar. Mas, da minha experiência, e de casos que acompanho de pessoas próximas, é uma disfunção química do cérebro que remédio conserta. Coloca tudo no lugar certo. Mas não é bom. Já tive algumas crises bravas. No ano passado, quando fiz 63 anos, eu estava trabalhando em Havana, esqueci que era meu aniversário. De noite, no computador, vendo notícias do Brasil,

quando vi a data comecei a chorar.

J&Cia – Estava sozinho...

Fernando – Sozinho, numa casa, ali perdido. Há dois anos tive uma suspeita de câncer de próstata, que felizmente se revelou só suspeita. Fiz biópsia, não tinha nada, mas entre a suspeita e a biópsia, foram dois meses de angústia. Primeiro, porque você tem que tomar remédio para saber se não é alguma inflamação ou infecção, e depois ficar mais um mês sem tomar remédio para fazer a biópsia sem mascarar o resultado. Foram dois meses terríveis. Porque o melhor que pode acontecer é você ficar brocha. E o pior é fazer o *check out* definitivo, né? Mas dessas coisas sempre se tira alguma lição, algum proveito. Eu passei a valorizar mais as relações afetivas. Me arrependi muito de ter brigado com amigos queridos. Não é nem ter brigado, mas me distanciado por razões políticas. Isso é uma tremenda bobagem! Eu me lembro que fiquei absolutamente prostrado quando o Konder aceitou ser secretário da Cultura do Maluf. Mas que bobagem minha, rapaz! O Konder jamais

perco a noção de que algumas coisas que digo possam ferir alguém. Não quero mais brigar com ninguém. Consigo ser amigo do Lembo [Cláudio]! Tenho admiração pelo Lembo, que está do outro lado do rio em relação a mim. Sinto orgulho de dizer para as pessoas que o admiro. E não é de agora, por causa daquela entrevista que ele deu à Mônica [Bergamo, Folha de S.Paulo], falando da elite branca de São Paulo. Aliás, acabou acontecendo uma coisa engraçada. Na repercussão, ele disse para alguém: “Rapaz, você sabe que eu dei aquela entrevista e duas pessoas ligaram para me cumprimentar: o Fernando Morais e a Luiza Erundina. Eu fiquei pensando: ‘Falei alguma coisa errada!’” (risos).

J&Cia – E o processo que está sendo movido pelo deputado Ronaldo Caiado contra você?

Fernando – (Profundamente irritado) Estou sendo vítima de uma brutalida-

de! Não sei se vocês viram a última sentença... Fui condenado a pagar uma indenização de R\$ 500 mil ao Caiado e o livro [Na cova dos leões] está proibido, sentença claríssima a respeito. Impõe, inclusive, multa à Planeta se ela não estiver recolhendo ou mostrar que está tentando recolher. E, além disso, algo que nem no período da ditadura eu vi. E olha que eu vivi na carne a censura, da noite de 13/12/68 até 2/6/76, quando ela deixou oficialmente a Veja, onde eu estava. Nunca tinha visto um caso de censura proibir e ainda te obrigar a fazer uma retratação pública paga, como neste caso. Um juiz de Goiânia me condenou, além da multa e da proibição do livro, a publicar uma sentença de 105 páginas, eu pagando, no Globo, na Folha e em dois jornais goianos, a minha escolha. O problema é o seguinte: não é porque sou eu, pode parecer demagógico dizer isso, mas hoje sou eu e amanhã será outro e



Capa de Veja, 1984

vai ser um filho da puta, sabe? Então, é isso. Eu tenho tomado alguns cuidados, sou muito verbal, muito oral, e às vezes

outro e outro. E de uma hora para outra, generaliza-se a censura togada no Brasil. Eu estava habituado à censura fardada... O Estadão está há mais de um ano sob censura, proibido de falar sobre o Boi Barrica lá do filho do Sarney! É igual aquela coisa do pastor europeu: “Hoje me pegam e você não faz nada porque não é não sei o quê. Amanhã pegam fulano, mas eu não tenho que fazer nada porque não sou socialista. Depois pegam um cristão, mas eu não sou cristão. Até o dia em que baterem na sua porta e não terá mais ninguém para te socorrer porque já estará todo mundo preso”. Estou espantado com o grau de violência dessa sentença.. Obviamente que vou recorrer ainda ao Tribunal de Justiça de Goiás... Vou até o Tribunal de Haia se preciso for. Em primeiro lugar, não tenho dinheiro para pagar isso! Basta olhar a minha conta bancária! Mas não se trata disso, de ter ou não ter dinheiro. Aliás, o juiz diz



Fernando Morais

na sentença que se baseou, para calcular a indenização, numa informação que saiu no Valor Econômico, uma entrevista que o Paulo Totti fez comigo, em minha casa, lá em Ilhabela. E ele teve de ir até lá, onde moro, porque eu estava escrevendo um livro e não podia vir a São Paulo. E ele conta na matéria que eu o recebi na minha casa em Ilhabela, de onde dá para ver o mar. Ora bolas, em Ilhabela dá para ver o mar de qualquer lugar! E o juiz disse que eu vivo como um milionário e que, portanto, poderia arbitrar a multa em R\$ 500 mil. Não tenho obviamente de onde tirar esse dinheiro.

J&Cia – *Você pode dar detalhes da história?*

Fernando – São duas declarações: uma do Gabriel Zellmeister e outra, idêntica, do Washington Olivetto. As provas de que o Washington e o Gabriel disseram isso estão anexadas ao processo. Eu anexeï um e-mail do Gabriel e anexeï o áudio da declaração do Washington.

Está lá, provado! Eu não poderia ter tirado essa história da minha cabeça! Eu não conheço Ronaldo Caiado, não sei de quem se trata, nunca vi na minha vida! Nunca estive no mesmo ambiente em que ele! Não tenho absolutamente nenhum motivo! De onde eu ia tirar essa ideia e inventar esse negócio de que ele falou que ia pôr remédio na água para esterilizar mulheres?! De uma hora para a outra? A violência, a brutalidade da sentença se agrava pelo fato de eu ser inocente. E ainda que eu fosse culpado, seria descabido. Não conheço alguém que tenha sido condenado a pagar R\$ 500 mil. Não entre os mortais comuns. Não sei se foi a Veja ou a Folha, uma das duas, que acabou condenada porque confundiu a Dilma com a Dulce Maia no caso do atentado ao Consulado Americano, no Conjunto Nacional, que provocou a amputação da perna de um sujeito chamado Orlando Lovecchio, que passava por lá. A condenação foi de R\$

18 mil. E o caso envolvia notícia sobre terrorismo e mutilação. E eu, por uma coisa que não falei, estou sendo condenado a pagar essa dinheirama. É uma brutalidade sem cabimento. Censura ao

Arquivo Fernando Morais



Na ABL, com Celso Furtado

livro, retratação... Não cabe na Folha de S.Paulo uma sentença de 105 laudas! Quantas laudas cabem em uma página inteira de jornal? Cinco páginas!

J&Cia – *Nem balanço...*

Fernando – Defendo que as pessoas que mentem e caluniam paguem por isso de alguma maneira! Não estou querendo me eximir de uma eventual responsabilidade que pudesse ter, não se trata disso. Mas sou inocente! Eu não inventei essa história! Eu ouvi de dois empresários e reproduzi! Não são duas pessoas que eu peguei na rua! E outra coisa: falaram em circunstâncias e em momentos diferentes. Um não sabia que o outro tinha falado. Porque eu gravava separadamente! Semana com um,

semana com outro... e em momentos diferentes, ambos me disseram a mesma coisa, só muda a forma, o linguajar. E isso está no processo! E apesar disso eu fui condenado! É inacreditável!

J&Cia – *E o Fernando B?*

Fernando – Fernando B é o seguinte: ao contrário do que diz a língua ferina do Brickmann, éramos três Fernandos na redação do Jornal da Tarde: **Fernando Mitre, Fernando Portella** e eu. O Miguel Urbano Rodrigues, meu grande e querido amigo stalinista português, que era editorialista do Estadão... O Estadão tinha essas coisas maravilhosas, né? (risos) O Miguel era membro do birô político do Partido Comunista português, que seguramente foi o mais stalinista

de toda a história de todos os Partidos Comunistas. Escrevia editorial no Estadão. Editorial! Opinião! De direita! E o Miguel comentou uma vez que, numa região de Portugal, o que a gente chama de xará, lá eles chamam de babaca! Você é meu babaca e eu sou o seu babaca. Aí começou aquela coisa de Fernando Babaca, todos se chamando uns aos outros de babaca. Um dia a minha mãe ligou e o Murilo atendeu: "Quero falar com o Fernando Morais." Aí ele ficou sem jeito de falar babaca com a velhinha no telefone e gritou: "Olha o telefone para o Fernandinho B! Fernandinho B!" Aí fiquei eu como Fernando B.

J&Cia – *E o que o Brickmann conta?*

Fernando – Que era B de bobo. Ele inventa uma história com o **Oliveiros [S. Ferreira]**. Na verdade, o Oliveiros foi chamado um dia à Federal para dar explicações sobre uma coluna que eu fazia para ganhar um dinheirinho no Suplemento Feminino do Estadão. E eu assinava Fernando B. Fiz uma provocação com a mulher do Costa e Silva, a Iolanda Costa

A violência, a brutalidade da sentença se agrava pelo fato de eu ser inocente [foi condenado em 1ª instância num processo que lhe move Ronaldo Caiado]. A minha inocência é o que agrava. Eu poderia ser culpado, mas ainda assim seria descabido! Não conheço alguém que tenha sido condenado a pagar 500 mil reais. Não entre os mortais comuns.

e Silva, e o coronel da Federal chamou o Oliveiros para dar um esporro: "Que merda é essa? Vocês estão achando que isso é democracia?! E quem é esse Fernando B?" E o Oliveiros teria respondido: "Não, esse B é de bobo! Ele assina Fernando B porque é bobo! A gente chama ele de bobo e ele incorporou!" Bobagem, sacanagem do Carlinhos...

J&Cia – *O que você acha do jornalismo hoje?*

Fernando – Acho um horror! Lá vou eu puxar briga de novo... (risos)

J&Cia – *De forma institucional, digamos assim...*

Fernando – Sempre tem exceção nessa vida, né? Salvo as exceções de praxe, é possível que nunca se tenha feito um jornalismo tão ruim no Brasil como se faz agora. Você pega essa publicação aqui (pega um exemplar da Veja com as pontas dos dedos)... É o seguinte: tem dois anos que eu não assino, nem compro.

Então, por que esse exemplar está aqui? Porque tem um direito de resposta! Publicado. Vocês viram? Está aqui. Como se diz lá em Minas, a Veja tomou assinatura contra mim, não sei por quê. Fiz dezenas de capas na revista e até capa dela fui. E me orgulho muito do que fiz na Veja. Não fosse a mudança, vocês iam ver aqui na estante as arvorezinhas do *Prêmio Abril de Jornalismo* que ganhei. Me orgulho muito de ter recebido esses prêmios. Mas não nessa revista. Essa revista de hoje nada tem a ver com a outra... Não quero mais caçar briga com os outros, mas o cadáver do **Paulo Francis** não deve ter se decomposto até hoje, onde quer que ele esteja, tamanho é o número de viúvas, e viúvos, que ele deixou por aí e que não chegam aos coturnos dele. O Francis era um sujeito de uma genialidade muito grande! Sacana, preconceituoso, racista! Agredia a Erundina porque ela era nordestina e dizia que o Vicentinho

[Vicente Paulo da Silva] tinha que ser amarrado no tronco e açoitado. Às vezes era absolutamente leviano, irresponsável, tanto que morreu disso. Falou que o presidente da Petrobrás, Joel Rennó, tinha roubado 100 milhões de dólares e que isso estava depositado na Suíça. O Joel Rennó entrou na Justiça contra ele, só que, em vez de entrar aqui no Brasil, entrou lá, no foro novaiorquino!

J&Cia – *E lá ninguém brinca em serviço...*

Fernando – Eu vi, acompanhei, passei agora um ano na corte de Miami, acompanhando o julgamento dos cubanos. E lá não tem conversa! Tem que provar! Ele tinha que provar que o sujeito roubou 100 milhões de dólares da Petrobras e depositou na Suíça. Na verdade foi um ex-abrupto que ele teve, um rompante. E acabou deixando viúvas que só herdaram os seus defeitos. Tem umas três ou quatro espalhadas por publicações de



Fernando Morais

diversas naturezas, umas mais mansas, outras mais bravas, mas ninguém que se compare a ele. Francis era um sujeito que tinha uma densidade cultural incomparável com qualquer um desses que o querem imitar. E nem a verve dele têm, porque ele, sim, era demolidor! Você pega os supostos herdeiros do Francis... perderam a graça. No começo é até engraçado você ver alguém falando: "O Lula é um filho da puta! O Lula é um ladrão descarado! O Lula está a serviço de Moscou!" Isso da primeira vez nos faz levar um susto, da segunda vez mostra que é repetitivo e da terceira

em diante não dá mais para ler. Acho que está havendo uma radicalização desrespeitosa, sobretudo na internet, de jornalista contra jornalista. Uma coisa insultuosa. Pegue os sites, os blogs... Quando alguém começa a fazer insulto pessoal é porque não tem argumentos para atacar as ideias do adversário. Aí começa a dizer que você é gordo, que é isso, aquilo...

J&Cia – *Muita opinião e pouco jornalismo?*

Fernando – Isso agora não é Jornalismo, é achismo. É um tal de opinião, opinião, opinião! Eu quero saber a opinião do

Darwin! Me interessa saber a opinião do Obama, presidente da república. Agora, um anônimo, um Jeca Tatu, um jacu rabudo?! A opinião dele não tem absolutamente nenhuma importância para mim, para ninguém. Só para ele, para o pai e mãe dele, para o vizinho... E, no entanto, você pega uma revista como a Veja, que ainda é a mais importante do Brasil, sobretudo pela tiragem, quase que exclusivamente pela tiragem, e ela abre espaço para pessoas absolutamente anônimas, desconhecidas e desimportantes manifestarem a sua opinião! Eu não quero saber opinião! Eu quero saber por quê o Tancredo morreu, o que matou o Tancredo!

J&Cia – *Não tem medo de ficar ainda mais marcado pela revista? De eles não publicarem mais nada dos seus livros...*

Fernando – Mas já não publicam! Você pega a resenha que fizeram do Mago, que eu nem sei onde está... Escrevem: "Fernando Morais é um dos melhores

Isso agora não é Jornalismo, é achismo. É um tal de opinião, opinião, opinião! Eu quero saber a opinião do Darwin! Me interessa saber a opinião do Obama, presidente da república. Agora, um anônimo, um Jeca Tatu, um jacu rabudo?! A opinião dele não tem absolutamente nenhuma importância para mim, para ninguém.

biógrafos brasileiros, a despeito de ser ligado a Fidel Castro e Hugo Chávez" (risos). O que tem a ver o cu com as calças?! Eu estou falando do Paulo Coelho, do roqueiro, do autor de músicas, que é um fenômeno internacional! O que tem o Hugo Chávez com isso! Aliás, uma coisa curiosa: tempos atrás esse filho do Ênio Mainardi... o Diogo Mainardi... eu gosto do pai. Um bom publicitário, genial... Doi-do varrido, mas um cara impecável. Faz tempo que não o vejo, mas gosto muito dele. O filho publicou numa das colunas da Veja uma coisa assim: "Fernando Morais, quercista e stalinista"... Mande uma carta para Veja e pensei: vou mandar mais por desengano de consciência porque eles não vão publicar. "Sr. Diretor, gostaria de solicitar um reparo na seção de cartas. Na semana passada, o Diogo Mainardi se referiu a mim como quercista e stalinista. Gostaria que a revista esclarecesse que sou ex-quercista" (risos). E publicaram! Publicaram! Tem coisas que ou você leva na molecagem ou dá um tiro no ouvido... No ouvido dele, é claro!

J&Cia – *Quais veículos você lê hoje?*

Fernando – Leio a CartaCapital, a piauí, que acho um pouco irregular e às vezes dá mais espaço que o assunto merece. Há uma boa promessa na praça, não sei se vocês sabem... Na Abril, vai sair uma revista mensal... [Alfa] Pelos buquês que me chegaram ao focinho, pode ser uma revista muito interessante. Leio diariamente O Globo, Folha e Estado, para ficar minimamente informado. Gosto da Folha, mas acho que ela está também partidarizada, mas faz um jornalismo mais ágil. Leio IstoÉ, que já foi muito melhor. Praticamente não vejo televisão, nem debate. Aliás, não gosto de ver debate porque acho muito engessado e me estressa demais. A minha única participação em debate foi naquela natimorta candidatura a governador. Eu tive um bate-boca horroroso... horroroso não, um bom bate-boca com o Geraldo Alckmin, que na época era o governador do Estado. Foi na Band. Recebi dele um processo por injúria, calúnia e difamação, que ele perdeu em todas as instâncias e ainda foi condenado a pagar R\$ 17 mil ao advogado. E eu queria que o advogado,

que é rico, desse o dinheiro para o MST (risos). E ele se recusou e deu para um convento de freiras na Cantareira. Então, não vejo debate.

J&Cia – *E alguma coisa internacional, você acompanha?*

Fernando – Acompanho. Eu concentro bastante a minha informação em veículos que, de alguma maneira, tenham a ver com o que estou escrevendo. Assinei, por exemplo, o Miami Herald, que é o jornal da

direita de Miami. Sou muito ligado aos venezuelanos, amigo do Chávez, então leio os jornais de direita e também o site do Partido Socialista Unificado da Venezuela, que é bom, honesto, inclusive para ter um contraponto. De um ano para cá li muita coisa de Cuba e Miami, para ajudar nas coisas que estou escrevendo.

J&Cia – *E literatura?*

Fernando – Não está dando tempo para ler nada. Comprei na semana passada, e ainda não pude abrir, o *Vultos*, livro que o **Humberto Werneck** organizou

com os perfis já publicados pela piauí. Saiu pela Cia das Letras. Quando estou numa fase de um livro como a que estou chegando agora, que é escrever, pôr no papel, eu costumo rever alguns clássicos do bom texto. Ler Machado de Assis, Gay Talese, Tom Wolfe. Para respirar um ar mais saudável, tentar receber bons fluídos. Mas não tenho tido tempo de ler absolutamente nada.

J&Cia – *Você é disciplinado?*

Fernando – Não! Por isso sou muito. Tenho que me impor uma disciplina que

não tenho. Acordo todo dia muito cedo, pelo menos para os meus padrões. Sete horas da manhã, quando estou nessa fase. Trabalho até uma da tarde, almoço rapidinho e a uma e meia volto para o computador, fico até oito horas da noite. Janto também rapidinho. Em geral isso é na ilha, né? Como a minha mulher trabalha, dá aula, orientação acadêmica para doutorandos e não pode ficar o tempo todo comigo, costuma ir 4ª ou 5ª. feira pra lá. E estica até domingo. Às vezes vejo telejornal. Prefiro o da Bandeiran-



Com José Direceu, em Cuba

Arquivo Fernando Morais

Fotos: Sônia Mele





Fernando Morais

tes, embora nem sempre esteja bom. O *Jornal Nacional* perdeu a graça. Gosto muito do **Boechat [Ricardo]**, sobretudo como jornalista. Gostava muito quando o **Paulo Henrique Amorim** era âncora de um desses telejornais da noite, era muito bom. Rádio também não tem nada que me seduza e olha que sou radista, gosto muito, costume trabalhar com o rádio na internet baixinho e quando tem alguma coisa que me interessa aumento o som. O jornalismo alheio não está me dando muito prazer. O meu próprio me dá sofrimento (risos). É raro pegar uma boa matéria. Outro dia eu estava aqui organizando a mudança e vi um exemplar de uma revista que chamava A Revista...

J&Cia – Da gráfica Takano, inspirada num título de antigamente...

Fernando – Exatamente! Jorge Amado morreu e eles encomendaram ao Geraldo Mayrink – que Deus deve estar guardando em algum lugar do Paraíso – fazer o necrológio dele. Que trem bom, que jornalismo de qualidade! A **Regina Echeverria** era diretora e o **Marcos Weinstock** cuidava do visual. Belíssima! Faziam umas experiências para mostrar aos clientes o que eram capazes de imprimir. Reproduziram o cartaz do Deus e o diabo na terra do sol, do Glauber, feito pelo irmão do Rogério... como é mesmo o nome do arranjador musical dos Baianos?

J&Cia – Rogério Duprat.

Fernando – Duprat! Isso! O irmão do Rogério Duprat é o sujeito que desenhou o cartaz do filme. Eles reproduziram exatamente igual, do mesmo tamanho... estava aí enfiado nas minhas coisas que chegaram com a mudança. Mas isso aqui devia ser obrigatório em escola de Jornalismo! Uma aula de boa apuração, esse texto do Mayrink... e olha que não tinha Google nessa época! Talvez por isso seja tão bom.

J&Cia – A propósito, como é a sua relação com a internet?

Fernando – Ajuda mais o computador do que a internet. A fazer uma engenharia... Acabou o chamado esforço de recortagem. Eu trabalho lá na praia com um monitor desses de 26 polegadas, vertical. Porque a gente não escreve na horizontal. Nele consigo colocar oito páginas de texto legível. Outra coisa boa é que ele te avisa quando tem palavras repetidas. Mas para pesquisa não confio. Já peguei

A Época tem publicado coisas muito interessantes. Eu vou voltar a assinar. Tem duas matérias, uma pela oportunidade e outra pela consistência, que me fizeram voltar a comprar a revista. Mais um pouquinho e eu assino.

tanto erro na Wikipédia, que não uso.

J&Cia – Você já passou por quase tudo... família, jornalismo... e os grandes repórteres?

Fernando – Tem o **Luiz Maklouf**, que está na piauí. É um grande repórter, grande apurador, escreve bem. Tem outros caras, mesmo dando os descontos de uma derrapagem aqui e ali, que para mim continuam sendo referência, como o Gaspari, o Paulo Henrique Amorim, embora considere que ele está radicalizando demais no site dele, o *Conversa Afiada*, muito figadal. Mas ainda são referências.

J&Cia – E entre a nova geração, talvez nem tão nova assim, nomes como **Lucas Figueiredo, Mário Magalhães, Eliane Brum**...

Fernando – Lucas Figueiredo! Ah que bom! Mário Magalhães! Quando eu comecei a pesquisar o *Chatô*, liguei para o Zuenir e falei que precisava de dois focas no Rio de Janeiro para que fizessem um trabalho de campo e queria que ele indicasse. Por quê o Zuenir? Porque ele é um cara que cria cabritinhos ali no mundo do

jornalismo. Um dos que ele me indicou foi o **Sérgio Sá Leitão**, que deixou de ser jornalista para ser administrador público e trabalhou no Ministério da Cultura... e o outro foi o Mário Magalhães, que, então, era um menino! Um gauchinho perdido no Rio de Janeiro. Gauchinho é modo de falar, porque era uma porra de gaúcho, voz de macho. Grande Mário Magalhães! Mas agora está com o saco precocemente meio cheio, né? Largou a Folha para escrever a biografia de Marighella. Lucas é exemplar!

J&Cia – A Eliane Brum...

Fernando – Não a conheço.

J&Cia – Da *Época*.

Fernando – A *Época* tem publicado coisas muito interessantes. Eu vou voltar a assinar. Tem duas matérias, uma pela oportunidade e outra pela consistência, que me fizeram voltar a comprar a revista. Mais um pouquinho e eu assino. A matéria que eu acho, pela oportunidade, foi a da maconha. Na semana em que o Fernando Henrique Cardoso anunciou que estava participando de um evento internacional de ex-chefes de estado

pela legalização das drogas em geral, a *Época* deu capa com a maconha. É isso! É o gancho! O cavalo passou na porta da sua casa, monta em cima! A outra foi a matéria sobre Educação. Aquela que deu a informação sobre os prefeitos. Foi uma matéria coletiva, bem montada e apurada. Várias pessoas contribuíram.

J&Cia – E as novas gerações?

Fernando – Eu passei uns seis meses procurando alguém para me socorrer. Um assistente para esse livro que estou escrevendo. O que essa pessoa tem que fazer? Eu falo: “O próximo capítulo vai tratar disso, disso, disso e daquilo. Eu te dou todas as entrevistas que fiz e o material de tribunal, de polícia, de FBI e CIA e você organiza assim, assim e assim”. A pessoa vai montando e na hora em que eu for escrever esse capítulo não preciso perder quatro ou cinco dias fazendo esse trabalho. Fiz umas três ou quatro experiências. Como eu estava na ilha, tinha a dificuldade de menos oferta de mão-de-obra, porque só podia contar com a ajuda de gente do Vale do Paraíba e lá não tem a abundância, a oferta de

profissionais que tem aqui em São Paulo. Não consegui. Mas também tem coisas positivas. Anteontem à noite, meio desesperado, precisando de alguém que

fizesse um serviço urgente para mim, liguei para o **Breno Altman** – nem sei por que lembrei dele – e falei: “Breno, me socorra, preciso de um *frila* bom e que tenha noções de castelhano”. Ele disse: “Espera um minuto, tem uma menina aqui que se chama **Daniella Cambaúva!**” Vinte anos. Eu precisava que ela fizesse o seguinte: o serviço de inteligência cubano me deu uma trolha gigantesca com todos os atentados que foram produzidos contra Cuba a partir de Miami. Eram documentos que o Fidel mandou para o Bill Clinton com uma advertência profética, pois ainda não tinha acontecido o 11 de setembro. Ele escreve ao Clinton o seguinte: “O senhor deve saber tanto quanto eu, ou melhor do que eu, que o terrorismo começa atacando o outro e depois ataca o um. Esse povo, aí em Miami, com esse poder de fogo, com essa capacidade bélica sem nenhum controle de acesso

a explosivos, armas...” Bin Laden não saiu de Miami, mas poderia ter saído, de uma hora para outra! Eu precisava de alguém para virar a noite de sexta para sábado, porque eu queria no sábado de manhã escrever duas laudas, duas páginas de livro sobre essa trolha que o Fidel mandou para o Clinton. Se eu próprio tivesse de fazer isso, iria levar um dia inteiro. E a Daniella me fez um servicinho de deixar com água na boca!

J&Cia – O que mais chama a sua atenção na atual fase do nosso Jornalismo?

Fernando – A entrevista por telefone. Tudo é por telefone. Não estou falando de pingue-pongue, não! Entrevista que você vai transformar num texto corrido. O sujeito não sabe se você é preto, branco, gordo, magro, se usa muleta, se tem buraco na sola do sapato, não tem ambientação. A casa do sujeito, a filha que vem encher o saco e ele briga com a filha. Eles não dão mais a idade



Com Marina, o casal Paulo Coelho e Christina Oiticica, e o embaixador Sérgio do Amaral, em Paris - Foto Fernanda Levy



Fernando Morais

das pessoas! Lembro que quando eu estava fazendo as entrevistas para o *Olga*, trabalhei um bom tempo em Berlim Oriental – ainda existia a RDA [Alemanha Oriental] – entrevistando gente que era contemporânea dela...

J&Cia – *Você fala alemão?*

Fernando – Não, ia com um intérprete. Acabei aprendendo rudimentos do idioma para poder me virar, mas para entrevistas eu ia com intérprete. Eram todos comunas, stalinistas, todos velhinhos, da geração dela. O sujeito dizia “ah, a Olga falou não sei o quê” e eu perguntava: “Como é que ela estava vestida?” Teve época que ela usava o cabelo grande, outra o cabelo mais curto. E a reação era quase sempre: “Mas por que o senhor quer saber isso? Qual é a importância disso para a história?” E eu respondia: “Pode não ter importância para a sua história, mas para a minha tem.” Um dia fui falar com um sujeito do Partidão no Rio de Janeiro sobre Olga e a muito custo

descobri que o pessoal do partido ficava puto porque ela usava vestidos muito curtos e aparecia queimada de sol, de ir à praia. Como assim? Comunista não vai à praia! Comunista faz revolução! Descobri que a primeira fascinação da Olga pelo Brasil foi a luz. Quando ela embarcou no avião com o Prestes na Argentina e veio pelo litoral, nunca tinha visto uma luz como aquela. Muito diferente do Leste europeu, Alemanha e União Soviética. Foi morar no Rio de Janeiro e é óbvio que começou a ir à praia. Ia às reuniões do partido com as pernas queimadas de sol e os caras ficavam putos! Mas para arrancar isso deles foi um sufoco! Hoje em dia a pessoa pode tomar um táxi, um metrô e vir até a minha casa para fazer uma entrevista de meia hora, mas prefere o telefone! E aqui não é a Alemanha. Eu só faço por telefone aquilo que realmente não dá para fazer pessoalmente. Outro dia liguei para um piloto cubano, um dos que fugiram para Miami,

desertaram, entre aspas, e é um dos que conseguiram escapular antes que o FBI chegasse. Dois dias antes do FBI chegar ele caiu fora. Eu só me dispus a fazer a entrevista por telefone porque já tinha estado na casa dele, tem foto minha com ele, já tinha visto a cara dele. Era um cara bonito e que, segundo todo mundo dizia, fazia o maior sucesso com as mulheres



Com Juca Kfoury e dr. Sócrates

na Flórida. Quando eu o vi, era um sócia, um irmão gêmeo do Richard Gere! Se eu não tivesse ido até a casa dele jamais saberia! Alguém tem dúvida se isso tem muita ou pouca importância? Tem muita importância! Os cubanos estavam regulando, não queriam que eu falasse diretamente com ele, por alguma razão. Só aceitavam que eu falasse com ele por telefone. Um dia eu dei um golpe: estava lá em Havana e falei: “Você me mandou umas fotos impressas em papel sulfite, mas a qualidade está muito ruim! Você não teria essas fotos no seu computador?” Ele disse que tinha, perguntei se tinha um *pen-drive* e ele disse que não... Aí eu falei: “Mas eu tenho! Posso ir aí na sua casa espetar o *pen-drive* e copiar

as fotos?” Ele disse que sim, passou o endereço e pronto! Peguei um táxi – não sei se era da polícia ou não – e fui à casa dele; passei a tarde lá. Eu nem estava tão interessado nas fotos que ele me mandou, mas queria vê-lo de perto, saber por que fazia sucesso com as mulheres. Ele casou na Flórida – casou entre aspas –, na igreja, e até chamou o líder da extrema direita para ser padrinho dele, para reforçar a fachada. A história é de arrepiar os cabelos. Eu tenho foto do casamento dele aqui. A Caras de Miami deu capa com ele, quando casou: *O Richard Gere do exílio*. Eu achava que fosse um cavalo, do tamanho do Richard Gere, mas era menor do que eu. Bonito, mas não um atleta. Do outro lado, o mercenário,

chefe da escória lá da Flórida que põe bomba, chamado Luís Posada Carriles. Eu tinha fotos dele aqui e achava que era um velhinho encorajado... ele mede 1,90m! Nas fotos parecia que era um sujeito de 1,65m. Não tinha muita referência; às vezes tinha gente mais alta do que ele, às vezes mais baixa... E eu não saberia disso se não tivesse feito a entrevista pessoalmente. Aí falam: ah, mas isso não muda a história! Não muda a sua história, mas muda a minha! O leitor gosta disso!

J&Cia – *No capítulo inicial de O mago você vai fundo nesse processo, não é?*

Fernando – É bom aquilo, não é? Puta merda... Porque eu não sabia o que fazer. Pensei, como é que eu começo esse livro? Vou começar apresentando o Paulo Coelho para o leitor. Como ele é em casa, como trata a mulher. Cheguei a fazer sacanagens, mas depois ele me perdoou. Numa das rodadas de gravação, nós estávamos em Madri, hospedados no mesmo hotel. Ele numa suíte, obviamente, e eu num quarto para mortal comum... (risos). Fiquei gravando com ele

“Tudo tem importância, porque escrever um livro é igual a construir uma casa... tijolo por tijolo. Não tem parede pré-moldada... É como uma reportagem. Você não escreve uma reportagem. Você coloca um tijolo, depois outro tijolo... Tem que ter uma certa ordem para a parede não ficar torta. Mas você pode começar pelo meio ou pelo fim. Pode até escolher.”

desde cedo e quando foi cinco horas da tarde, já cansado, ele falou: “Vamos subir ao meu apartamento? Preciso descansar um pouco, tomar uma ducha, relaxar. Estou falando quase sem parar desde as oito horas da manhã e só comemos um sanduíche”. Eu o acompanhei. Tinha na salinha logo na entrada um corredorzinho que dava para o quarto dele e lá no fundo um banheiro. Ele tirou uma carteira gorda, pôs em cima do móvel, ligou o notebook e falou: “Fica aí tirando seus e-mails, vendo notícias do Brasil, que eu vou tomar um banho”. De onde eu estava, embora ele tivesse deixado a porta aberta, não dava para ver o chuveiro. Esperei ele ligar o chuveiro e aí, na hora em que o barulho da água mudou, fui xeretar a carteira dele. Primeiro, vi aquele monte de notas de 500 euros, que nunca tinha visto antes na vida. E na parte dos documentos descobri uma bula dobradinha, que desdobrei, cagando de medo de

ser surpreendido por ele. Peguei uma caneta, anotei na palma da mão o nome do remédio e gritei para ele: “Paulo! Vou descer para tomar um banho também e depois a gente continua”. Desci, peguei o telefone e liguei para o meu médico aqui no Brasil para perguntar o que era aquele remédio. Ele falou que era para psoríase. Eu descobri que o Paulo Coelho tinha psoríase e pus no livro. Semanas depois eu dei a volta e perguntei se ele tinha algum problema de saúde e ele falou que tinha um problema digestivo, uma dificuldade para digerir alguns tipos de alimentos. Perguntei se não tinha mais nada e também por que ele coçava tanto o cotovelo. Ele disse: “Isso que eu tenho aqui? Mas acho que você não vai pôr isso no livro, é uma psoríase benigna”. E me mostrou. Pronto! Estava liberado! Agora eu poderia escrever sobre aquilo. Já estava autorizado. Eu jamais teria chegado a essa informação se não tivesse visto

a tal bulinha. Não tinha tanta importância? Mas tudo tem importância, porque escrever um livro é igual a construir uma casa... tijolo por tijolo. Não tem parede pré-moldada...

J&Cia – *É como uma reportagem.*

Fernando – É isso! Não tem parede pré-moldada. É como uma reportagem. Você não escreve, coloca um tijolo, de-



Com Oscar Niemeyer



Fernando Morais

pois outro tijolo. Tem que ter uma certa ordem para a parede não ficar torta. Pode começar pelo meio ou pelo fim. Pode até escolher. *Chatô* eu começo com a morte dele, com a falsa morte dele. O engraçado é que muita gente que começou a ler o livro e não terminou me acusa publicamente de ter entrado na cabeça do *Chatô* e descoberto os pensamentos dele quando ele estava em coma. Não leram o livro inteiro, porque, se tivessem lido, entenderiam lá na frente como aquilo aconteceu, como cheguei ao conhecimento de que ele pensou aquilo enquanto estava em coma. Mesma coisa da Olga quando estava na prisão. Como é que você sabe, pô? Porque ela contou para uma porção de mulheres o que sentiu e eu entrevistei essas mulheres. Ah, tem uma parte em que você diz "o Prestes pensava isso". Como é que você sabe? Ora, porque ele me contou! Eu tenho não sei quantas horas de gravação com ele.

J&Cia – Em algumas entrevistas que vimos você fala sobre o manancial que é a história do Brasil... E aí temos o caso do **Laurentino Gomes**...

Fernando – Livro que ele fez [1808], de um negócio totalmente gasto, né? Chegada da Família Real... Todo mundo aprendeu isso na escola, mas é um livro que!

J&Cia – E vem mais um por aí, né? O 1822...

Fernando – Sobre a Independência. Tá... vou mostrar um negócio pra vocês...

(Fernando levanta e nos guia para uma sala ao lado, que abriga dezenas de caixas, dessas de arquivo morto e outras, apinhadas de documentos dos mais diversos personagens brasileiros, que em algum momento ele pensa biografar. E cada referência que faz é uma emoção que brota no seu olhar. Volta a enfatizar uma coisa que sempre costuma dizer nas entrevistas: "Isso aqui é a prova de que o Brasil tem personagens incríveis que

precisam ser descobertos. Nossa história é um manancial de temas para boas reportagens. Basta querer pesquisar e investigar, que o País ganhará excelentes livros.")

J&Cia – É um material riquíssimo...

Fernando – Vou cavando por minha conta, muitos dos nomes são sugestões que as pessoas me passam... Tem muita história dando sopa. O Darci Ribeiro é que falava que o Brasil é ótimo, mas falta é gente para contar isso.

J&Cia – Um pingue-pongue e a gente te libera. Uma pessoa inesquecível...

Fernando – Meu irmão mais velho, Carlinhos Wagner. O melhor texto que vi na vida. Escrevia como um cão, parecia que tinha baixado o capeta nele na hora de escrever. Infelizmente se deixou seduzir por grana. Queria ter um Porsche roxo que custava 600 paus. Virou publicitário e acabou morrendo em um acidente. É a quem eu dedico o *Olga*. Está lá: ao Carlos Wagner, com muita saudade.

J&Cia – Uma cor

Fernando – Vermelho! (risos)

J&Cia – Um amor.

Fernando – Minha mulher, Marina.

J&Cia – Uma cidade.

Fernando – Mariana.

J&Cia – Um fato marcante.

Fernando – *(pensa um pouco)* Puta merda, a morte do meu irmão! Acho que foi a maior dor da minha vida. Éramos muito distantes um do outro, por causa da diferença de idade, oito anos (ele era de 1938 e eu de 1946). E depois de adultos ficamos amigos, e aí ele morreu de forma estúpida!

J&Cia – Uma reportagem memorável.

Fernando – A reportagem de **Larry Ro-**

ther, no New York Times, feita em Miami, sobre a extrema direita. Eu não tinha lido quando saiu e fui ler agora. É uma série. É aquele cara que deu o rolo com o Lula. Chamou de pingüço, de cachaceiro e quase foi expulso.

J&Cia – Isso foi anterior ou posterior ao caso com o Lula?

Fernando – Anterior. Ele foi chefe do escritório do New York Times em Miami. Foi acusado de comunista. Aquela série é uma aula de Jornalismo!

J&Cia – Um filme.

Fernando – *O Poderoso Chefão*, os três. Revi o capítulo dois uns dez dias atrás porque é parte do meu livro. O hotel em que eles selam o acordo, em Miami, o

Meyer Lansky, é um dos hotéis que o meu mercenário explodiu. Fui lá para entrar no clima! (risos)

J&Cia – Uma peça de teatro.

Fernando – Do período em que eu estava envolvido com o mundo teatral... *Esperando Godot*, desde que encenado por Cacilda Becker.

J&Cia – Um ator e uma atriz.

Fernando – Ator, Robert De Niro. Atriz... hum, sei que minha mulher vai ler isso e dizer que eu não passo de um canalha... Luana Piovani. (risos)

J&Cia – Uma música.

Fernando – Há alguns autores que foram muito incensados pela imprensa e que não estavam na minha alça de mira. Agora descobri que são, de fato, bons. Nando Reis, Arnaldo Antunes, que tem letras maravilhosas... Mas, uma música? Construção, do Chico Buarque de Hollanda. Tem uma outra também, do Paulo Cesar Pinheiro, cujo título eu não me lembro mas a letra é (cantarola) *Quando um muro separa, uma ponte une... se a vingança encara, o remorso pune... você vem me agarra, alguém vem me solta...*

“O Brasil tem personagens incríveis que precisam ser descobertos. Nossa história é um manancial de temas para boas reportagens. Basta querer pesquisar e investigar, que o País ganhará excelentes livros.”

você vai na marra, ela um dia volta... olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando... que medo você tem de nós, olha aí... O Chico canta com o MPB4... (continua cantarolando) Você corta um verso, eu escrevo outro... você me prende vivo, eu escapo morto... de repente, olha eu de novo... perturbando a paz, exigindo troco... vamos por aí eu e meu cachorro... olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando... que medo você tem de nós, olha aí... É o Vlado! Você me prende vivo, eu escapo morto! Mataram ele e ele escapou, mudou a cara deste País!

(N. da R.: o título da música é *Pesadelo*, uma parceria de Paulo Cesar Pinheiro e Maurício Tapajós)

J&Cia – Um cantor e uma cantora.

Fernando – Gilberto Gil... cortante! Uma cantora? Meu Deus, estou ficando desmemoriado... morreu já... cantava bolero, samba-canção... era cachaceira e morava aqui em São Paulo... Adelaide... Não era a Alaíde Costa, mulher do Mario Lima, da Rádio Eldorado... Aracy de Almeida! O Delfim Netto estava no enterro dela, olha só!

J&Cia – Um político.

Fernando – Dr. Ulysses Guimarães. Eu

já estava me distanciando do jornalismo cotidiano para me candidatar a deputado e minha última entrevista foi com o dr. Ulysses. Pessoa de quem eu gostava muito e com quem tinha uma relação fraterna. Cheguei lá e ele falou que sabia que eu estava para sair candidato, que queria fazer uma dobradinha, ajudar e tal. Mas, antes, precisava me dar, não conselhos, mas umas mezinhas. Eram seis. Tenho um pôster com isso em algum lugar. Mezinha é remédio de interior. Inclusive, lá no canto está escrito: *As seis mezinhas do Dr. Ulysses*

Fotos: Sônia Mele





Fernando Morais

Guimarães (ver box pág. 26). Não me lembro de todas, mas lembro de uma deliciosa e que eu deveria aplicar mais: "Fale muito de coisas, pouco de pessoas e nada de você" (risos). Bom, né? Isso é lição de vida, não só de política. Mas tem muito político bom. O Brizola! Que pena ele ter morrido. Dá uma biografia de arrepiar os cabelos! Grande figura humana! Valente! Peitudo! Nesse país de cagões você ter um cara que nem o Brizola, fodido! Um sujeito com um olho para o pobre, para o miserável... Ele não fez o Darcy Ribeiro como sucessor por quê? Porque concentrou em educação!

Mandava primeiro fazer Ciep, que era escola em tempo integral, a única coisa que poderia salvar este País. Por isso eu larguei a Secretaria da Educação pelo meio. A única coisa que vai salvar este País. Eu não sei se no final do século o Brasil será monarquista, republicano, socialista, mas se não consertar a educação não será civilizado! Qualquer que seja o regime. O pessoal fala do Japão, mas japonês é uma maravilha! O Japão foi carbonizado na Segunda Guerra Mundial e 50 anos depois era a segunda maior potência econômica do planeta! Japonês é foda! O Japão chegou a gas-

tar 70% do orçamento em educação. Não tinha Mertiolate nos hospitais, não tinha bala nos revólveres da polícia, mas tinha professor bem pago e as crianças estudavam o dia todo. Coréia, um país de direita! E Cuba! Lá não tem analfabetismo! O índice é de 0,01%! Só isso salva um país! Por quê essa revolução cubana está durando 60 anos? Falam que é a repressão! Repressão o cacete! Todo mundo tem arma lá! Todo mundo com mais de 16 anos em Cuba tem acesso a arma de fogo em minutos! Se quisessem, já teriam derrubado o Fidel, a revolução e o diabo! É gente da mais alta qualificação! A revolução que fizeram foi pela educação.

J&Cia – Uma invenção.

Fernando – O avião. Embora eu não pronuncie o nome do inventor... No meu livro sobre o Montenegro, no *Chatô* também, eu tinha que escrever várias vezes o nome dele. Pedi a uma pessoa para fazer

O Fidel não é tão velho. O problema é que parece que ele teve uma complicação monumental e tinha sofrido um acidente antes... levou um tombo que estropiou a rótula de um dos joelhos e o cotovelo, por tentar se proteger. A última vez que o vi ainda estava se recuperando.

uma macro para mim, pequenininha, que quando eu digitava CTRL+ALT+P, escrevia o nome dele sozinho. Por que não escrevo? Porque dá uma urucubaca danada! Vocês sabiam disso, do inventor do avião? Puta que pariu!

J&Cia – Mais do que o **Domício [Pinheiro]**?

Fernando – Mas você é valente, hein! Desse aí eu também não falo. Mas o outro é cem vezes pior! No Guarujá tem o carro fúnebre que levou o corpo desse nosso inventor ao cemitério, muito bonito, está lá até hoje. Eu não passo nem perto do quarteirão onde está o carro dele, num jardim! É pura urucubaca!

J&Cia – Um sonho.

Fernando – Um Brasil melhor, sem tanta sacanagem. Não é essa coisa de político ruim ou bom. É uma questão de educação mesmo. No dia em que este país se libertar, será uma maravilha! Tem tudo para dar certo, não tem adversidades naturais.

J&Cia – E estamos no caminho?

Fernando – Estamos. Veja o caso dos programas sociais do Lula. Quem não

gosta dele costuma dizer o seguinte: "Programa de integração social? Tá é dando esmola pra vagabundo! Tirou 30 milhões de pessoas da miséria, mas é um bando de vagabundos que não fazem nada e só põem dinheiro no bolso!" OK, mas só recebe o "aramé" se o filho estiver na escola, se comprovar que os filhos em idade escolar estão frequentando a escola. É um começo! Vocês sabem o que é tirar 30 milhões de pessoas da miséria absoluta? São três Chile! Seis Dinamarca! É meia Venezuela! Mas é uma coisa de instinto, porque ele não tem formação, veio de lá. Se vocês lerem esse livro do Audálio, *O menino Lula*, é aquilo lá. É... 2014, Lulinha na cabeça!

J&Cia – E essas moedas aí? (há uma imagem de Buda com um pote de moedas sobre a mesa dele)

Fernando – São do Buda! Para ver se pinta um dinheirinho. Fazer um agrado na barriga dele. Eu, quando viajo pelo mundo, vou jogando moedas dentro da mochila.

J&Cia – Você não é nem um pouco supersticioso, né?

Fernando – Eu sou, sei disso. Sou um materialista místico... (risos)

J&Cia – Por isso que se deu bem com o **Paulo [Coelho]**...

Fernando – Claro! Mas eu não acredito em nada. Não acredito em Deus, mas respeito quem acredita. Havia quatro convicções religiosas diferentes no meu casamento, mas eu não acredito em Deus. Mas é melhor não bestar, né? (risos) Quando fui ao Japão fazer o Corações sujos, duas vezes, descobri que um dos povos mais supersticiosos é o japonês. Eles têm o sapinho Kaeru, que é para dar dinheiro. Tem o Daruma. Tem uma planta, um arbusto, que lembra o trigo – quando, em certa época do ano, fica de uma determinada cor, traz sorte. Você não faz idéia do que tem de babalaô, pai-de-santo, em Cuba, um país comunista. É brincadeira...

J&Cia – Você chegou a estar com o Fidel nesse período em que ele esteve doente?

Fernando – Estive antes. Poucas semanas antes. Vocês viram que ele já está fazendo discurso, voltando! E já botou

verde oliva... ainda não pôs as patentes nem está andando com a arma na cintura. Vai ser o novo Dom Sebastião: some, volta, some, volta... (risos). Ele não é velho para o mundo atual. Tem 82 anos. Meu pai foi até os 86 e morreu namorando! Tinha várias namoradas! Já tinha separado da minha mãe fazia muito tempo. Oscar Niemeyer tem 102 e está em lua-de-mel. Casou com a Vera. Com 102 e está trabalhando. Vai projetar agora, a meu pedido, de graça, um museu para Cuba.

J&Cia – Conte essa história...

Fernando – Tem um milionário norte-americano chamado Gilbert Brownstone, que coleciona arte e é apaixonado por Cuba, pela Revolução Cubana. Mora na Europa. Ele resolveu doar 150 obras ao governo cubano. São dez Picasso, cinco Andy Warhol, cinco Da Vinci, dez Miró. Não tem dinheiro que pague isso! Deu de presente. Fui apresentado a ele lá e perguntei ao Alarcón [Ricardo], presidente do Poder Popular [Parlamento], onde seriam colocadas aquelas obras. E ele

disse: "Aí é que está o problema. Porque a gente não pode colocar tudo isso num barracão". Perguntei: "Por que vocês não chamam o Niemeyer?" "Ah, mas o Niemeyer é muito caro!" Voltei para o Brasil, encontrei o Niemeyer, contei a história e ele falou na hora: "Pode deixar que eu projeto. Manda alguém lá para fazer a insolação que eu vou projetar." E está projetando o museu para abrigar as obras do Gilbert. Tem 102 anos! Acho que vai completar 103 anos daqui seis meses! Para os padrões atuais, o Fidel não é tão





Fernando Morais

velho. O problema é que parece que ele teve uma complicação monumental e tinha sofrido um acidente antes... levou um tombo que estropiou a rótula de um dos joelhos e o cotovelo. A última vez que o vi ainda estava se recuperando. Fui a Cuba com o Zé Dirceu e com o Ciro Gomes. Foi quando eu decidi fazer esse livro. Os cubanos finalmente disseram que iriam liberar documentos secretos para mim. Fomos almoçar com o Fidel e levamos guaraná para ele. Ele adora guaraná em lata. Em troca (o Ciro não estava no almoço, ele encontrou conosco depois) nos deu três litros de um rum que era fruto de um assalto que fizeram em 1952, antes do tal de Moncada, quartel Moncada. Eles assaltaram um depósito da Bacardi, surrupiaram uma pipa com 500 litros de rum e a enterraram. Só que a tomada do quartel não deu certo, o Batista [Fulgêncio] matou metade dos caras e condenou a outra metade. O Fidel ficou entre os condenados. Quando foi

anistiado, fugiu para o México e lá se juntou com o Che. Voltaram e fizeram a revolução. Agora, recentemente, resolveram procurar a pipa e a encontraram no mesmo lugar, numa granjinha, bem perto do quartel. São 50 anos de lá pra cá, sem contar o tempo que foi para trás. E quando pensaram no que fazer com todo aquele rum, alguém falou: "Vamos pôr numa embalagem de cristal e vender a 50 mil dólares a garrafa, pois isso é uma raridade". Fidel disse: "Não. Vamos fazer uma garrafa bonita e dividir entre os sobreviventes". Dos 500 litros, perderam-se 50. Quantos sobreviventes? Vinte. Da quota dele, deu uma para o Lula – pediu para o Zé Dirceu entregar ao Lula –, e outra para o Zé. E eu fiquei lá olhando.... (risos) Porra, levei guaraná pro cara! Já tinha levado caqui, que ele comeu no Brasil e gostou e lá em Cuba não tinha! O Zé Sarney pediu para eu levar um isopor cheio de caquis. E ele dá o rum pro Lula e pro Zé Dirceu e me deixa

Foto: Sônia Mele



chupando o dedo?! Acho que ele percebeu o olhar pidão, e disse: "Morais, você já tem neto?". Eu falei que não. "Mas você tem uma filha, não tem?". "Tenho". Ele chamou o secretário: "Traz mais uma garrafa de rum. No dia em que nascer o seu primeiro neto, você abre esse rum para celebrar o nascimento de mais um revolucionário" (risos). No dia em que nasceu minha netinha, no ano passado, fui para Campinas, para a maternidade, com uma pilha desses copinhos de isopor, chamei os médicos, as enfermeiras, contei essa história e rateei ali entre as pessoas. Sobrou um pouquinho, uns quatro dedos... Levei para a Feira do Livro

em Ribeirão Preto, feita pelo Galeno. De noite, no auditório, contei a história e falei: "Vou ratear esse rum com vocês, mas como são 600 pessoas aqui, quem é que vai ficar com ele?". Alguém que estava na mesa sugeriu que fizesse cinco perguntas sobre a revolução cubana. Quem soubesse responder ganhava uma dose. Virou uma puta zona!
J&Cia – E era bom o rum?
Fernando – Se era bom?! Rum daqueles de molhar o dedo assim e passar atrás da orelha, para namorar! (risos). Quem esteve com ele recentemente e me deu notícia de que está muito bem, dentro das circunstâncias, foi o Betto. Eu estava

precisando de algumas informações lá de dentro, do serviço de inteligência, e eles estavam muquiranando. Conversei com o Betto em Havana: "Esses caras estão me tratando igual a agente da CIA! Os caras lá na área da inteligência estão desconfiando de mim! Eu preciso disso, disso, disso e disso". E vim de volta para o Brasil. Ainda teria que voltar mais umas duas vezes. Uma semana depois me ligaram e falaram: "Olha, aquelas coisas que você tinha pedido há um ano estão liberadas". Foi o Betto que conseguiu arrancar do Fidel.

As seis mezinhas do Dr. Ulysses

Após vencer minha primeira eleição, em 1978, fiz uma entrevista com o dr. Ulysses Guimarães para a revista Playboy. Ao final da gravação, o velho cacique decidiu fazer uma deferência ao aprendiz e ditou-me o que ele chamava de "as minhas seis mezinhas para um noviço em política". As quais compartilho agora com os estreatantes, tal como ele as prescreveu:

Primeiro: não seja impaciente. A impaciência é uma das faces da estupidez. Eu entendo que quem está na vida política não pode entrar na história do dia para a noite. O caminho é longo, paciente, perseverante, difícil. A impaciência não acaba só com carreiras futebolísticas.

Segundo: na política, em geral, e especialmente no poder, se você não pode fazer um amigo, não faça um inimigo. O inimigo guarda o ódio na geladeira, para conservar. O inimigo, numa eleição, amanha na boca da urna dizendo que a mãe do candidato não é honesta.

Terceiro: em política, nunca se deve proferir palavras irreparáveis, irremediáveis. E aqui eu recordo um conselho do Perón a Isabelita, prevendo que ela assumiria a presidência da Argentina: "Minha filha, em política fale muito sobre coisas, pouco sobre pessoas e nunca sobre você".

Quarto: em política, você nunca deve estar tão próximo que amanhã não possa ser adversário ou inimigo, e nem tão distante que amanhã fique em dificuldade por ter que virar amigo.

Quinto: a grande arma de qualquer bom político é o trabalho. Eu próprio costumo dizer que tenho estrela. Está certo que fui muito ajudado pelos amigos e pelos acontecimentos, mas vivo passando Kaol na minha estrela.

Sexto: é preciso saber a arte de escutar. Escutar dá até enfarte, dá úlcera. O rei Façal, da Arábia Saudita, dizia que Deus deu ao homem dois ouvidos e uma só boca para ouvir o dobro e falar a metade.

Arquivo Fernando Morais



Expediente

PROTAGONISTAS da Imprensa Brasileira é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5572-9700 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Baroncelli** (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).